



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de Araraquara

Marina Serralha Araújo

**Adaptação transcultural de dois instrumentos (PNEES e FEED)
para investigar alimentação emocional em contexto brasileiro**

Araraquara

2024

Marina Serralha Araújo

**Adaptação transcultural de dois instrumentos (PNEES e FEED)
para investigar alimentação emocional em contexto brasileiro**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Alimentos e Nutrição, junto ao Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Engenharia de Alimentos, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara.

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof. Dr. Wanderson Roberto da Silva

Araraquara

2024

A663a Araújo, Marina Serralha.
Adaptação transcultural de dois instrumentos (PNEES e FEED)
para investigar alimentação emocional em contexto brasileiro / Marina
Serralha Araújo. – Araraquara, 2024.
67 f. : il.

Orientador: Wanderson Roberto da Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. "Júlio de
Mesquita Filho". Faculdade de Ciências Farmacêuticas. Programa de
Pós-graduação em Alimento, Nutrição e Engenharia de Alimentos. Área
de concentração: Alimentos e Nutrição.

1. Alimentação emocional. 2. Adaptação transcultural. 3.
Instrumentos. I. Silva, Wanderson Roberto da, orient. II. Título.

Diretoria do Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação - Faculdade de Ciências Farmacêuticas
UNESP - Campus de Araraquara

CAPES: 33004153070P3
Esta ficha não pode ser modificada



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Araraquara



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Adaptação transcultural de dois instrumentos (PNEES e FEED) para investigar alimentação emocional em contexto brasileiro

AUTORA: MARINA SERRALHA ARAÚJO

ORIENTADOR: WANDERSON ROBERTO DA SILVA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em Alimentos, Nutrição e Engenharia de Alimentos, área: Alimentos e Nutrição pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. WANDERSON ROBERTO DA SILVA (Participação Virtual)
Faculdade de Ciências Farmacêuticas do Câmpus de Araraquara da Unesp

Dra. MIRIANE LUCINDO ZUCOLOTO (Participação Virtual)
Pós-doutoranda na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP)

Profa. Dra. ANGELA NOGUEIRA NEVES (Participação Virtual)
Programa de Pós-Graduação em Desempenho Humano Operacional da Universidade da Força Aérea (UNIFA)

Araraquara, 14 de maio de 2024

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos à Coordenação de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao Programa de Pós-graduação em Alimentos, Nutrição e Engenharia de Alimentos (PPG ANEA) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), por abrir suas portas e me acolher como discente, aprendiz e pesquisadora.

Minha gratidão aos professores que estiveram comigo durante esse processo: Prof. Dr., Wanderson Roberto da Silva, meu orientador e docente do PPG ANEA, e Profa. Dra. Angela Nogueira Neves, pesquisadora que nos auxiliou tecnicamente com sua *expertise*.

RESUMO

Introdução: O desejo de comer alimentos devido a questões emocionais é um assunto frequente nos estudos relacionados ao comportamento alimentar, uma vez que pode contribuir para o desencadeamento de condições crônicas não transmissíveis, tais como obesidade e transtornos alimentares. Uma das maneiras de se investigar o comportamento alimentar emocional é por meio de instrumentos psicométricos. Na literatura, encontram-se alguns desenvolvidos para investigar frequência/intensidade de emoções relacionadas ao comer. Em contexto brasileiro, são incipientes as investigações que utilizam instrumentos para capturar a alimentação emocional. Tendo em vista que o uso de instrumentos psicométricos é cada vez mais comum nas ciências nutricionais e de alimentos torna-se interessante estudá-los.

Objetivo. Realizar a adaptação transcultural da *Positive-Negative Emotional Eating Scale* (PNEES) e do *Florence Emotional Eating Drive* (FEED) *Questionnaire* do inglês para o português do Brasil e investigar a dimensionalidade desses quando aplicados em amostra de brasileiros. **Métodos:** Este é um estudo transversal. O processo de adaptação transcultural foi conduzido para produzir a versão em português da PNEES e a do FEED. As etapas seguidas foram: tradução; síntese; revisão do comitê de especialistas; pré-teste; retrotradução; e submissão aos desenvolvedores. Para a coleta de dados, indivíduos com idade ≥ 18 anos foram convidados via redes sociais e *Networks* a preencher online (via *Google Forms*) a versão em português de cada instrumento e um questionário sociodemográfico. A investigação da dimensionalidade de cada instrumento foi realizada por meio de análise fatorial exploratória via análise paralela com permutação aleatória dos dados coletados.

Resultados: Uma versão sintetizada para cada instrumento emergiu das traduções e elas foram avaliadas por um comitê de especialistas. A versão preliminar de cada instrumento foi pré-testada com 34 brasileiros (76,5% mulheres) que em maioria relataram facilidade de compreensão do conteúdo. As retrotraduções foram semelhantes às originais, conforme confirmado pelos autores originais de cada instrumento (i.e., os desenvolvedores). Posteriormente, 721 indivíduos (61,2% mulheres) preencheram a PNEES e o FEED e os dados revelaram bom ajuste do modelo bidimensional da PNEES, confirmando o original. De modo semelhante, o modelo original tridimensional do FEED apresentou bom ajuste, porém seis itens não seguiram a mesma distribuição por dimensão como no original. **Conclusão:** A PNEES e o FEED foram adaptados e bem compreendidos pelos brasileiros e apresentaram fatores iguais/semelhantes ao original. Tais resultados podem contribuir para futuros protocolos de comportamento alimentar.

Palavras-Chave: Alimentação emocional; adaptação transcultural; instrumentos.

ABSTRACT

Introduction: The desire to eat due to emotional issues is a frequent topic in studies related to eating behavior, as it can contribute to the triggering of chronic non-communicable conditions, such as obesity and eating disorders. One of the ways to investigate emotional eating behavior is through psychometric instruments. In the literature, some instruments have been developed to investigate the frequency/intensity of eating-related emotions. In the Brazilian context, investigations that use instruments to capture emotional eating are incipient. Considering that the use of psychometric instruments is increasingly common in nutritional and food sciences, it is interesting to study them. **Objective.** Carry out a cross-cultural adaptation of the Positive-Negative Emotional Eating Scale (PNEES) and the Florence Emotional Eating Drive (FEED) Questionnaire from English to Brazilian Portuguese and investigate their dimensionality when applied to a sample of Brazilians. **Methods:** This is a cross-sectional study. The cross-cultural adaptation process was conducted to produce the Portuguese version of PNEES and FEED. The steps followed were: translation; synthesis; expert committee review; pre-test; back translation; and submission to developers. For data collection, individuals aged ≥ 18 years old were invited via social networks to fill out online (via Google Forms) the Portuguese version of each instrument and a sociodemographic questionnaire. The investigation of the dimensionality of each instrument was carried out through exploratory factor analysis via parallel analysis with random permutation of the collected data. **Results:** A synthesized version for each instrument emerged from the translations and they were evaluated by a committee of experts. The preliminary version of each instrument was pre-tested with 34 Brazilians (76.5% women) who mostly reported ease of understanding the content. The back-translations were similar to the originals, as confirmed by the original authors of each instrument (i.e., the developers). Subsequently, 721 individuals (61.2% women) completed the PNEES and FEED, and the data revealed a good fit of the PNEES two-dimensional model, confirming the original. Similarly, the original three-dimensional FEED model presented a good fit, but six items did not follow the same distribution by dimension as in the original. **Conclusion:** PNEES and FEED were adapted and well understood by Brazilians and presented factors that were the same/similar to the original. Such results may contribute to future eating behavior protocols. **Keywords:** Emotional eating; cross-cultural adaptation; instruments.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVO	11
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	11
3.1 Alimentação emocional	11
3.2 Instrumentos para investigar alimentação emocional	15
3.3 Adaptação transcultural e análise de instrumentos	17
4 MÉTODOS	20
4.1 Desenho de estudo e cálculo amostral	20
4.2 Participantes	20
4.3 Caracterização da amostra de estudo	21
4.4 Instrumentos	21
4.4.1 <i>Positive-Negative Emotional Eating Scale (PNEES)</i>	21
4.4.2 <i>Florence Emotional Eating Drive (FEED) questionnaire</i>	21
4.5 Procedimentos	22
4.6 Aspectos éticos	23
4.7 Adaptação transcultural	23
4.7.1 Tradução	23
4.7.2 Síntese	23
4.7.3 Revisão do comitê de especialistas	23
4.7.4 Pré-teste	24
4.7.5 Retrotradução	24
4.7.6 Submissão dos documentos para os desenvolvedores	25
4.8 Análise de dados	25
5 RESULTADOS	26
5.1 Adaptação transcultural dos instrumentos	26
5.2 Caracterização dos participantes do estudo transversal	42
5.3 Análise fatorial exploratória	42
6 DISCUSSÃO	44
6.1 Limitações e potencialidades	48
7 CONCLUSÃO	50

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
ANEXO A. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) DA PESQUISA	58
ANEXO B. APROVAÇÃO ÉTICA PARA CONDUÇÃO DO ESTUDO	59

1 INTRODUÇÃO

A alimentação é uma condição básica para a sobrevivência, sendo considerada um direito humano, uma vez que possui forte influência sobre a saúde (Guerra, 2022). Segundo a *Food and Agriculture Organization (Food and Agriculture Organization, 2021)*, uma alimentação saudável, mas inacessível, seja pelo custo e/ou qualidade nutricional dos alimentos, bem como pela renda das pessoas, está associada a vários desfechos negativos, tais como desnutrição, deficiências nutricionais, sobrepeso e obesidade, contribuindo assim para o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT). Como a alimentação se trata de um processo amplo e multidimensional que vai além da vertente biológica, ressalta-se que aspectos psicológicos, sociais e culturais também podem influenciar o comer (Ministério da Saúde, 2014). Nesse sentido, é relevante investigar tais aspectos que, em geral, são pouco considerados nos protocolos clínicos e científicos, especialmente, naqueles que buscam avaliar as emoções (Betancourt-Nuñez *et al.*, 2022).

As emoções podem ser compreendidas como afetos expressados que resultam em reações internas breves do organismo, mas em alguns momentos de forma intensa, ou rápida, em resposta a um acontecimento inesperado ou desejado e ansiado pelo indivíduo. Tais manifestações podem ocasionar disfunções gastrointestinais, cardiorrespiratórias, tremores, suor excessivo, riso descontrolado, choro, lágrimas e expressões corporais e faciais involuntárias. Apesar de definidas como acontecimentos intempestivos ou imprevistos, as emoções podem ser aprendidas ao longo da vida de acordo com o gênero, classe e cultura do local em que se vive. Importante ressaltar que há diferença entre emoções e sentimentos, sendo que os sentimentos apesar de serem oriundos de afetos como amor e ódio assim como as emoções, costumam ser mais duradouros e menos intensos ou “explosivos” e as reações orgânicas relacionadas a eles são bem menos intensas (Bock; Furtado; Teixeira, 2008).

Rodriguez e Kross (2023), trazem evidências do quanto as emoções estão ligadas às sensações oriundas de estímulos ambientais que ativam a sensorialidade (olhos, ouvidos, pele, língua e nariz), impulsionando neurônios a transmitir através do sistema nervoso central as informações recebidas. As sensações podem ser físicas sem que as emoções estejam envolvidas, porém elas são infundidas com emoção, ou produzem respostas emocionais após atingirem o córtex sensorial da área estimulada, criando assim uma resposta emocional em áreas como a amígdala, o córtex insular e o córtex orbito frontal. Tais áreas podem determinar reações como sensações de agrado/desagrado e de perigo/segurança, acontecimentos esses que são responsáveis pela sobrevivência do indivíduo.

As sensações podem promover a autorregulação emocional, seja para emoções positivas ou negativas, e muitas vezes podem ativar memórias autobiográficas, desviar atenção ou promover reenquadramento de atividades cognitivas, como se fosse uma adaptação ao que não tem trabalhado de maneira ordeira. Nestes casos, sensações ligadas à alimentação podem envolver os 5 sentidos através do som, do cheiro, do toque, do gosto e da visão, a depender de como é a relação do indivíduo com a comida, desde o preparo à finalização, que seria o degustar ou comer (Rodriguez; Kross, 2023).

A relação das emoções com a alimentação está intimamente ligada aos padrões que se formam na junção de atitudes e fatores psicossociais, desde os primeiros anos de vida, no aprendizado alimentar de crianças, que conseguem exprimir as percepções de quantidade e tempo do comer relacionadas às crenças e atitudes alimentares de seus cuidadores e ambientes culturais. Essas crenças e atitudes podem ser geradas por experiências emocionais relacionadas ao consumo alimentar na vida adulta, que envolvem a fisiologia da fome/saciedade e regulação das emoções associadas ao comer (González *et al.*, 2022).

Como as emoções não conseguem e nem devem ser desvincilhadas do comer e do ser humano, estudar a influência das emoções, sejam elas positivas e/ou negativas, nas atitudes alimentares se faz necessário, visto que com o avanço do capitalismo e da globalização, as condições psíquicas individuais estão cada dia mais evidentes e influenciando escolhas e comportamentos. Para tanto, há algumas possibilidades de se estudar e compreender o comportamento alimentar emocional, sendo que em âmbito de pesquisa a utilização de instrumentos psicométricos, que sejam adaptados à realidade do contexto de investigação, é uma forma factível. Os instrumentos mais comumente utilizados na literatura para rastrear tal comportamento são a *Emotional Eating Scale* (EES; Arnow *et al.*, 1995), o *Three Factor Eating Questionnaire short* (TFEQ-18; Karlsson *et al.*, 2000), o *Dutch Eating Behavior Questionnaire* (DEBQ; Van Strien *et al.*, 1986) e o *Emotional Appetite Questionnaire* (EMAQ; Geliebter; Aversa, 2003).

O TFEQ-18 e o DEBQ são instrumentos multidimensionais disponíveis para uso no Brasil, pois possuem versão em português, mas eles não estão centrados na avaliação única do comportamento alimentar emocional. Já a EES e o EMAQ, também disponíveis em português, apesar de investigarem o comportamento alimentar emocional, não levam em consideração a frequência com que as emoções ocorrem. Em vista disso, outros instrumentos foram criados como a *Positive-Negative Emotional Eating Scale* (PNEES) e o *Florence Emotional Eating Drive* (FEED) *Questionnaire*. Esses foram propostos para investigar as emoções relacionadas ao comer, porém eles possuem diferentes perspectivas, sendo que um

avalia conjuntamente emoções positivas e negativas na alimentação (PNEES) e o outro busca analisar a associação entre frequência da emoção e o impulso pelo desejo de comer (FEED). O uso da PNEES e do FEED torna-se interessante visando compreender de modo mais específico e assertivo o comportamento alimentar emocional das pessoas podendo contribuir para protocolos em âmbito clínico e de pesquisa.

No Brasil, instrumentos que buscam analisar o comportamento alimentar emocional especificadamente são ainda incipientes, e até o desenvolvimento do presente estudo, a PNEES e o FEED ainda não haviam sido adaptados transculturalmente para o português. Visando contribuir com futuros protocolos, a adaptação e a tradução criteriosa de tais instrumentos foram realizadas com o intuito de disponibilizar ferramentas úteis para futuras investigações centradas na relação das emoções com os alimentos. Ademais, uma análise exploratória também foi realizada para compreender a operacionalização da estrutura original de cada instrumento, quando testados com dados do Brasil.

2 OBJETIVO

Realizar a adaptação transcultural da PNEES e do FEED para o contexto brasileiro visando apresentar uma versão em português de cada instrumento que possa ser utilizada em futuras investigações/avaliações das emoções relacionadas aos alimentos. Adicionalmente, o presente estudo aplicou a versão em português da PNEES e a do FEED em uma amostra de pessoas com idade igual ou superior a 18 anos e os dados foram utilizados para explorar a dimensionalidade original de cada instrumento.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 Alimentação emocional

Vanstrien *et al.*, (1986), baseados em estudos anteriores a década de 1960, definiram a alimentação emocional como um desejo intenso de comer quando o indivíduo se encontra em uma situação de estresse ou ansiedade ou outras emoções negativas. Com o passar dos anos, tal definição foi questionada, de modo que os cientistas passaram a reconhecer que emoções positivas também poderiam estar relacionadas ao ato de comer (Allison; Heshka, 1993; Canetti; Bachar; Berry, 2002; Tantam, 2003; Rodriguez; Kross, 2023).

Na contemporaneidade, a alimentação emocional é um conceito representado pela alteração da ingestão de alimentos frente a uma série de emoções, sejam positivas (p. ex., felicidade e diversão) ou negativas (p. ex., tristeza e raiva), que se sobrepõem aos sinais físicos de fome e saciedade (Sze *et al.*, 2021). Há uma necessidade de supressão das emoções

negativas, desencadeada pelo ato de comer, que modifica o comportamento alimentar e obtém efeitos significativos nesse comportamento (Burnatowska; Surma; Olszanecka-Glinianowicz, 2022). No geral, o aumento do consumo de alimentos ocorre diante de emoções negativas (Braden *et al.*, 2018; Kerin *et al.*, 2018; Al-Musharaf, 2020; Zhang *et al.*, 2020), contudo, as emoções positivas também podem influenciar esse processo.

Segundo Guerrero-Hreins *et al.*, 2022, o aumento da ingestão alimentar sem levar em consideração a fome física, surge como resposta a fatores ambientais ou cognitivos, podendo ser considerado um impulsionador do comer emocional, principalmente, em populações com obesidade e em sua maioria mulheres. A alimentação pode ser modificada por múltiplos fatores (p. ex. fisiológicos, ambientais, psicológicos, culturais e sociais), o que torna a investigação do comportamento alimentar complexa, especialmente, quando envolve emoções e estados de espírito. Faz-se, assim, necessário um conhecimento amplo e profundo sobre o comer hedônico ou o estímulo alimentar e suas respostas relacionadas ao desejo e ao prazer alimentar, considerando fortemente a disponibilidade e a palatabilidade dos alimentos escolhidos em situações de alimentação emocional (González *et al.*, 2022).

A ativação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, diante de situações emocionais ou cotidianas de estresse crônico ou agudo, pode impactar o sistema de recompensa/motivação aumentando subjetivamente o apetite ou os desejos alimentares, fazendo com que o indivíduo opte ou busque alimentos hipercalóricos quando seu estado de humor negativo é observado. Há evidências apontando fortes propensões de indivíduos afetados por essa alteração à depressão e à obesidade, o que tem ligação com as emoções (Burnatowska; Surma; Olszanecka-Glinianowicz, 2022).

Estudos filosóficos e psicológicos baseados na fenomenologia apoiam a teoria da fuga, em que os indivíduos comem de forma a substituir emoções negativas por sentimentos ou sensações agradáveis, por meio da sensorialidade da comida, evitando pensamentos ruminativos. Por outro lado, também há possibilidade de haver uma autorregulação emocional, que acontece de maneira não consciente, frente às necessidades psicológicas comportamentais, interpessoais ou autorrelacionadas quando a alimentação emocional ocorre ou simplesmente, por não saberem responder a essas emoções (Heatherton; Baumeister, 1991; Van Strien, 2018; Shireen *et al.*, 2022).

Segundo o dicionário da Associação Americana de Psicologia (*American Psychological Association*, 2018), a emoção é um padrão complexo de reações experimentais, comportamentais e fisiológicas para tratar eventos significativos. Logo, a emoção é determinada por um evento específico e seu significado. Por exemplo, se um indivíduo

experienciar situação que envolva desaprovação da forma com que ele come, há possibilidade de ele sentir vergonha. Nesse sentido, a emoção normalmente envolve sentimento que é independente de sensações, pensamentos e imagens, não necessitando obrigatoriamente de interação com o mundo como no caso das emoções.

Um tipo de emoção que pode ter efeito no comer é a nostalgia a qual evoca lembranças do passado na manutenção do conforto psicológico (Zhou *et al.*, 2012). Na literatura (Reid *et al.*, 2022; Desmet; Schifferstein, 2008; Troisi; Gabriel, 2011), há evidências de que a nostalgia pode gerar excitação e conforto, principalmente, frente à privação alimentar de qualquer origem, desempenhando função homeostática no combate a sentimentos de desconforto e perigo.

Assim, a alimentação emocional, conforme o grau e a frequência, pode ser considerada um comer transtornado, ou seja, um comportamento disfuncional que pode causar prejuízos físicos, mentais e sociais. Como a alimentação emocional está fortemente relacionada com o aumento da ingestão de alimentos, situações como sobrepeso e obesidade podem emergir e favorecer o desenvolvimento de outras condições crônicas, justificando assim, a importância de se estudar esse fenômeno (Braden *et al.*, 2018).

Estudos (Bénard *et al.*, 2018; Konttinen *et al.*, 2019) têm apresentado uma série de evidências sobre a alimentação emocional, revelando que esse comportamento está presente no cotidiano das pessoas e tem produzido desfechos negativos. O estudo americano de Barak *et al.*, (2021) menciona que o comportamento alimentar emocional foi encontrado com frequência em 20,5% dos participantes, sendo a maioria mulheres jovens e pessoas brancas não-hispânicas. Já McAtamney *et al.*, (2021) e Cecchetto *et al.*, (2021) observaram um aumento de comportamento alimentar emocional em pessoas residentes na Itália e na União Europeia como um todo, o que foi relacionado com o nível de ansiedade e alexitimia, ambos agravados no período da pandemia causada pela COVID-19. Pesquisadores do Oriente Médio (Naja; Hamadeh, 2020; Al-Musharaf, 2020) exploraram a importância da alimentação saudável em tempos de isolamento frente à pandemia de COVID-19 e suas consequências. Eles apontaram que a alimentação das pessoas foi afetada negativamente. Al-Musharaf (2020) destacou que 47,2% dos entrevistados relataram comer em diferentes níveis diante das emoções que experienciavam. Em âmbito brasileiro, Quaresma *et al.*, (2021) apontaram que situações estressantes e emoções negativas levaram os indivíduos a consumirem mais alimentos ultraprocessados (p. ex., aqueles com maior teor de açúcar e gordura) e menos alimentos *in natura*, evidenciando situações de alimentação emocional. Esse estudo brasileiro

revelou que o comportamento alimentar emocional foi observado principalmente em mulheres e em grupos de indivíduos mais vulneráveis socioeconomicamente.

O relatório mundial de segurança alimentar e nutricional da *Food and Agriculture Organization* (2021) e o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil (II VIGISAN) realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN, 2022) evidenciaram o aumento de sobrepeso e de obesidade entre mulheres e principalmente entre crianças de cinco e seis anos. Além disso, os estudos apresentaram complicações relacionadas à desnutrição ocasionadas frente aos desafios da pandemia de COVID-19, descrevendo dificuldade de acesso à alimentação saudável, bem como mudanças nos contextos sociais e emocionais, tais com desemprego, isolamento, falta de apoio familiar, entre outros.

Diante das evidências, nota-se que a alimentação emocional é um comportamento que merece atenção da comunidade científica, especialmente, após o início da pandemia de COVID-19, que causou uma grande modificação na rotina de vida das pessoas. Com a crise sanitária, o isolamento social foi instaurado para todas as populações, fazendo com que várias atividades presenciais fossem migradas para remotas. Assim, a interação entre as pessoas se tornou mais restrita e problemas de saúde mental aumentaram exponencialmente (Mcatamney *et al.*, 2021), como também houve impacto na alimentação (Al-Musharaf, 2020; Barak *et al.*, 2021; Cecchetto *et al.*, 2021; Mcatamney *et al.*, 2021). Por um lado, a permanência por mais tempo em casa contribuiu para que algumas pessoas passassem a cozinhar mais, tendo maior contato com os alimentos e a possibilidade de escolher alimentos de maneira “adequada” em termos de quantidade e qualidade (Cecchetto *et al.*, 2021). Um estudo brasileiro (Liboredo *et al.*, 2020) registrou aumento no consumo alimentar de preparações domésticas e de comidas pedidas por *delivery* em 67,3% e 50,1%, respectivamente. Por outro lado, a mudança abrupta de rotina causada pela COVID-19 também fez com que uma parte significativa da população passasse a ingerir maior quantidade de alimentos, especialmente, aqueles altamente palatáveis como, por exemplo, os *fast-foods*. Além disso, as escolhas alimentares passaram a ser determinadas, usualmente, por motivos relacionados ao apelo sensorial e emoções como uma forma de enfrentamento da situação causada pela COVID-19 (Cecchetto *et al.*, 2021; Mcatamney *et al.*, 2021).

Estudos realizados em diferentes partes do mundo (Al-Musharaf, 2020; Quaresma *et al.*, 2021; Sze *et al.*, 2021) investigaram a alimentação emocional no contexto da pandemia de COVID-19 e apontaram que a relação das pessoas com os alimentos diante das medidas de isolamento social foi modificada, especialmente, no que se refere ao maior consumo de

alimentos processados. Desse modo, nota-se que as emoções exercem um papel relevante no comportamento alimentar das pessoas e isso pode influenciar no desencadeamento de agravos que comprometem a saúde física e o funcionamento psicossocial dos indivíduos. Portanto, compreender as emoções relacionadas à alimentação é uma estratégia importante para direcionar ações preventivas e intervencionistas. Contudo, para que essa compreensão seja possível, faz-se necessário ter ferramentas que possibilitem identificar adequadamente características de alimentação emocional.

3.2 Instrumentos para investigar alimentação emocional

Os instrumentos psicométricos são ferramentas interessantes para investigação da alimentação emocional. Na literatura, encontram-se alguns instrumentos comumente utilizados para rastrear diferentes comportamentos alimentares, incluindo a alimentação emocional, dentre os quais se destacam a *Emotional Eating Scale* (EES; Arnow *et al.*, 1995), o *Three Factor Eating Questionnaire short* (TFEQ-18; Karlsson *et al.*, 2000), o *Dutch Eating Behavior Questionnaire* (DEBQ; Van Strein *et al.*, 1986) e o *Emotional Appetite Questionnaire* (EMAQ; Geliebter; Aversa, 2003). O TFEQ-18 e o DEBQ são instrumentos multidimensionais comumente utilizados em pesquisas científicas para investigar o comportamento alimentar das pessoas. No Brasil, a versão em português do TFEQ-18 foi apresentada por Martins *et al.*, (2020), que também investigaram as propriedades psicométricas do instrumento, usando uma amostra de universitários de ambos os sexos (n=775). Já a versão em português do DEBQ foi apresentada por Moreira *et al.*, (2017), que se concentraram na avaliação da validade de conteúdo do questionário, usando uma amostra pequena de pessoas de ambos os sexos (n=30). Tanto o TFEQ-18 quanto o DEBQ endossam apenas uma dimensão para investigar de modo geral a alimentação emocional, fazendo com que esses questionários não sejam os mais procurados para pesquisar aspectos emocionais relacionados aos alimentos.

Quanto à EES, esta engloba diferentes estados emocionais (p. ex., ressentido; desanimado; agitado; preocupado; entediado) que podem levar as pessoas a sentirem vontade de comer. Na primeira versão dessa escala (original), o indivíduo fornece uma resposta para cada item variando de “nenhum desejo para comer” a “uma vontade irresistível de comer”. Em 2003, Kenardy e colaboradores revisaram a EES (EES-II) incluindo mais estados emocionais positivos (p. ex., feliz; entusiasmado; ativo; forte; satisfeito; exaltado), dado que a versão anterior possuía apenas um (excitado). Na EES-II, a instrução para preenchimento também foi modificada de modo que o participante fosse direcionado para indicar até que

ponto cada emoção poderia levar a “uma vontade de comer” ou “uma supressão do apetite”. Desse modo, a variação de opção resposta foi modificada para ir de “uma extrema supressão do desejo de comer” a “uma vontade irresistível de comer”. Diferentes versões da EES estão disponíveis na literatura, sendo uma em português produzida por Duarte e Pinto-Gouveia (2015), que utilizou uma amostra de mulheres (n=506), para ser usada em Portugal. Contudo, essa versão, até onde se sabe, ainda não foi avaliada quanto à sua aplicabilidade para uso em âmbito brasileiro. Apesar de interessantes, Bourdier e colaboradores (2017) mencionam que o TFEQ, o DEBQ e a EES não são instrumentos totalmente adequados para medir a complexidade de comportamentos alimentares motivados pelas emoções.

Já o EMAQ é um questionário de autorrelato que busca investigar a tendência de comer (menos ou mais) diante de estados emocionais positivos e negativos (p. ex., triste; sem nada para fazer; confiante; com raiva; ansioso; feliz; decepcionado; cansado; deprimido; assustado; relaxado; brincalhão; solitário; animado). Adicionalmente, o EMAQ engloba itens com situações específicas que comparadas ao habitual podem afetar a ingestão de alimentos (p. ex., quando está sob pressão; após uma grande discussão; após uma tragédia com alguém próximo; quando se apaixona, após o fim de um relacionamento; quando está envolvido em um passatempo agradável; após perder dinheiro ou bens; após receber boas notícias). O EMAQ tem sido utilizado em diferentes países e uma versão em português para o Brasil foi publicada por Sabry e colaboradores em 2020, mas suas propriedades psicométricas foram testadas apenas para uma amostra de mulheres adultas (n=480) integrantes da Atenção Básica da cidade de Fortaleza. É importante notar que tanto o EMAQ quanto a EES-II não capturam a frequência em que os estados emocionais ocorrem, sendo esse um aspecto pertinente de ser estudado, pois se o comportamento alimentar acontece frente a uma emoção pouco frequente talvez ele não seja problemático (Cassioli *et al.*, 2021).

Com o intuito de superar as limitações dos instrumentos já existentes para avaliar a alimentação emocional, foi desenvolvida a *Positive-Negative Emotional Eating Scale* (PNEES) e o *Florence Emotional Eating Drive* (FEED) *Questionnaire*. A PNEES foi proposta por Sultson *et al.*, (2017) e testada em uma amostra de 531 mulheres da Estônia (com idade entre 15 e 61 anos). Essa escala foi desenvolvida para investigar a alimentação emocional a partir de um conjunto de 19 itens (7 itens avaliam emoções positivas e 12 itens avaliam emoções negativas), que devem ser respondidos utilizando cinco opções de resposta do tipo *Likert* em um nível de frequência (*never* a *always*). O estudo original da PNEES encontrou boas propriedades psicométricas do instrumento para a amostra. Além disso, apesar de o estudo ter sido realizado em contexto estoniano, uma versão em inglês da PNEES foi

disponibilizada e essa ainda não havia sido adaptada para uso no Brasil, sendo isso interessante, pois no país há poucos instrumentos voltados exclusivamente à investigação da alimentação emocional.

Já o FEED é um questionário proposto por Cassioli *et al.*, (2021), em contexto italiano, para avaliar a alimentação emocional, explorando a frequência de emoções do indivíduo e o quanto essas emoções impulsionam o desejo de comer. O questionário possui 23 itens sendo que cada um trata de um estado emocional específico. Os itens são distribuídos em três dimensões, nomeadamente: *Depression*, *Anger* e *Anxiety*. As respostas aos itens são dispostas em duas escalas do tipo *Likert* de cinco pontos: (i) para frequência da emoção (*never; a few times; sometimes; often; always*) e (ii) para impulso com que a frequência da emoção leva ao comer (*no desire to eat; a small desire to eat; a moderate desire to eat; a strong urge to eat; an overwhelming urge to eat*). Os valores atribuídos para cada escala de resposta são combinados a fim de se obter uma escala de pontuação final única que varia de 0 (*absence of the urge to eat in the presence of that emotion or the absence of the emotion itself*) a 9 (*an overwhelming urge to eat for an emotion that is always felt*) pontos. O estudo original testou o FEED em uma amostra clínica composta por indivíduos com transtornos alimentares, obesidade e Diabetes Mellitus tipo 2 e encontrou boas propriedades psicométricas em comparação com a EES. Apesar de o estudo que propôs o FEED ter sido desenvolvido em contexto italiano, uma versão em inglês foi disponibilizada em material suplementar, e a adaptação desta para o contexto brasileiro seria útil.

3.3 Adaptação transcultural e análise de instrumentos

A miscigenação de países latinos e anglo-saxões com a globalização e migrações destacam a importância de adaptações transculturais quando do uso de instrumentos, especialmente, os da área da saúde. Traduções literais nem sempre terão o mesmo significado em diferentes regiões, sejam elas intercontinentais ou em um mesmo país, frente à mudança de significados culturais. Mesmo não havendo um consenso universal, Sousa e Rojjanasrirat (2010) e Reichenheim e Moraes (2007) elucidam passos para realizar a adaptação transcultural de instrumentos destacando a importância de se utilizar fontes mais próximas à realidade de cada contexto de investigação.

Realizar a adaptação transcultural da PNEES e do FEED para a língua portuguesa possibilita o uso desses instrumentos em âmbito brasileiro podendo contribuir futuramente com pesquisadores e clínicos que buscam compreender como as pessoas se relacionam com os alimentos frente às emoções. O processo de adaptação transcultural, usualmente, envolve

as etapas de validade de conteúdo e de face, essenciais quando um instrumento está sendo testado pela primeira vez em contexto/cultura diferente da sua proposta original. Vale esclarecer que a tradução do conteúdo de um idioma para outro não configura por si só uma adaptação transcultural, uma vez que pode haver diferenças substanciais entre os grupos populacionais que devem ser consideradas (Beaton *et al.*, 2000). Ademais, é importante mencionar que para produzir dados válidos e confiáveis faz-se necessário uma construção teórica sólida do(s) construto(s) sob investigação, bem como análises psicométricas do modelo fatorial do instrumento de medida (Marôco, 2021). Um exemplo de investigação comumente realizada em estudos de validação é a análise fatorial exploratória que se trata de procedimento que visa identificar dimensões que representam os fatores teóricos (i.e., latentes) subjacentes ao instrumento (Laros, 2012; Damásio, 2012; Ferrando; Lorenzo-Seva, 2018). Nesse tipo de análise, o investigador analisa a composição de itens podendo tanto descobrir uma estrutura dimensional nova, quando confirmar uma já existente a priori (Marôco, 2021). Apesar de útil, a estratégia exploratória deve ser implementada com devida plausibilidade (Garrido; Abad; Ponsoda, 2013), uma vez que para instrumentos consolidados pode não ser a análise mais apropriada (Marôco, 2021).

Uma série de passos devem ser seguidos para que a adaptação transcultural seja exitosa. De acordo com o protocolo descrito por Beaton *et al.*, (2000) seis estágios podem ser seguidos visando a realização da adaptação transcultural. O primeiro estágio trata-se da tradução do material original, por pelo menos dois tradutores (T1 e T2) bilíngues que tenham como língua materna o idioma da tradução alvo, sendo que um deles especialista na área do tema abordado e o outro sem tal conhecimento. O segundo estágio trata-se da etapa de síntese em que as duas traduções (T1 e T2) são lidas e estudadas para se produzirem consensualmente uma tradução em comum (T12). O terceiro estágio trata-se da retrotradução, onde a síntese (T12) deve ser estudada e traduzida por ao menos dois tradutores que também sejam bilíngues, mas que tenham como sua língua materna o idioma do material original, produzindo assim dois materiais traduzidos (BT1 e BT2). Na sequência, um comitê de especialistas avalia uma versão pré-final do instrumento em relação ao construto, idioma e construção metodológica verificando as equivalências semântica, idiomática, conceitual e experimental, sendo esse o quarto estágio. Após essa análise bem definida, o material da conclusão é colocado à prova em um pré-teste (quinto estágio), que deve ser realizado com um grupo de pessoas (entre 30 e 40) pertencentes ao público-alvo para o qual o instrumento está sendo adaptado. Finalmente, como sexto estágio, o material produzido deve ser enviado para pelo menos um dos autores originais do instrumento (i.e., um desenvolvedor), servindo

como um processo de auditoria. Na Figura 1, encontra-se um fluxograma resumido dos estágios descritos anteriormente.

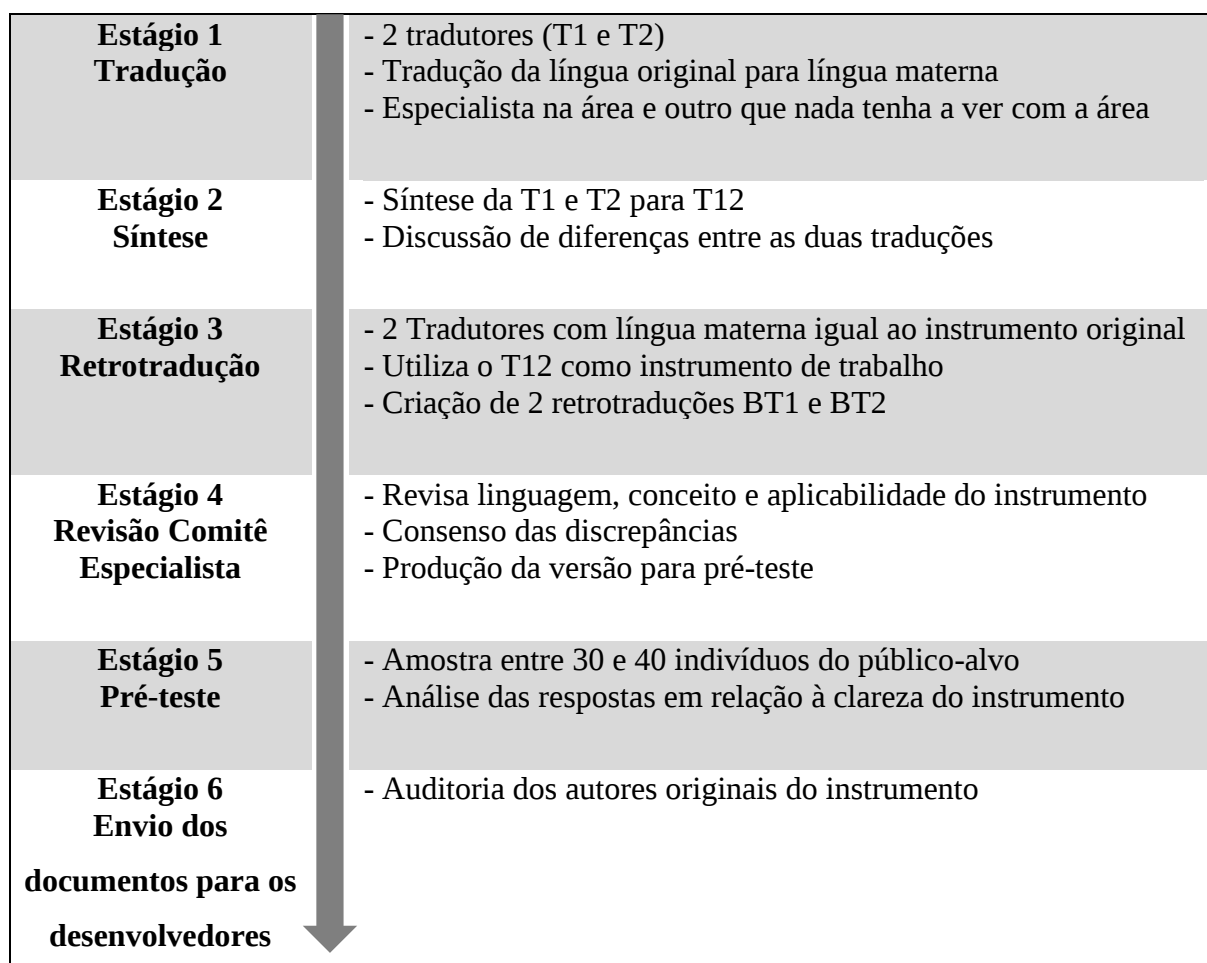


Figura 1. Estágios da adaptação transcultural de um instrumento de medida adaptado de Beaton *et al.*, (2000)

Adicionalmente aos seis passos descritos na Figura 1, após a aplicação do pré-teste a análise da validade de conteúdo pode também ser realizada com o uso do Índice de Validade de Conteúdo (IVC), conforme descrito por Coluci *et al.*, (2015). A aplicação do IVC visa analisar a associação entre os conceitos abstratos do instrumento e indicadores observáveis mensuráveis. Para que tal avaliação seja realizada é necessário um comitê de 5 a 10 juízes especialistas na área do estudo, que farão as análises de forma individual e independente, e poderão opinar quanto a inclusão ou modificação de itens do instrumento. Após todas as respostas serem coletadas, uma fórmula de concordância é aplicada, e para que o instrumento possa ser considerado adequado, a taxa de concordância dos juízes deve ser igual ou maior que 90%. Na parte quantitativa do IVC, utiliza-se uma escala do tipo *Likert* de 4 pontos

ordinais para analisar relevância/representatividade dos itens, clareza das informações, redação, abrangência e pertinência. A taxa de concordância deve ser superior a 0,78, levando em consideração o cálculo do VC com as respostas pontuadas como 3 ou 4, dividido pelo número total de respostas, com concordância mínima de 0,80 para verificação e validade e preferencialmente superior a 0,90. A fase qualitativa se dá pela triangulação metodológica, fase em que pesquisadores e membros dos comitês discutem o instrumento e os pontos controversos, até que se forme um novo instrumento com as sugestões discutidas.

Vale reforçar que não há uma padronização universal para conduzir um estudo de adaptação transcultural de um instrumento de medida, uma vez que o procedimento pode ser diferente a depender da natureza de construção da ferramenta. (Coluci *et al.*, 2015; Reichenheim; Moraes, 2007). Neste estudo, optou-se pela utilização dos procedimentos sugeridos no protocolo de Beaton *et al.*, (2000), o qual tem sido comumente utilizando em âmbito brasileiro.

4 MÉTODOS

4.1 Desenho de estudo e cálculo amostral

Este é um estudo transversal com amostra não probabilística. O tamanho da amostra foi calculado considerando sugestões apresentadas na literatura especializada (Costello; Osborne, 2005; Arafat *et al.*, 2016) a qual aponta necessidade de um número pré-determinado de indivíduos (podendo variar de 5 a 20) para cada item do instrumento sob investigação. No presente estudo, adotou-se 20 indivíduos considerando o número de itens do FEED que é o instrumento com maior número de itens (23 itens), comparado a PNEES (19 itens). Dessa forma, o tamanho amostral mínimo obtido foi de 460 pessoas.

4.2 Participantes

Indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos, residentes no Brasil, foram convidados a participarem do estudo. A coleta de dados ocorreu virtualmente via *Google Forms*. Os critérios de inclusão foram: pessoas com idade ≥ 18 anos, alfabetizadas na língua portuguesa do Brasil e residentes no país. Os critérios de exclusão foram: gestantes, puérperas (até 9º mês após parto), pessoas não responsivas (p. ex., que possuam alguma deficiência cognitiva e/ou visual total que impossibilite o preenchimento dos dados da pesquisa) e indivíduos em tratamento para doenças crônicas que tenham impacto significativo na alimentação (p. ex., neoplasias do aparelho digestivo, doença renal crônica em fase dialítica, entre outras). Para tanto, um questionário de triagem foi elaborado.

4.3 Caracterização da amostra de estudo

Para a caracterização da amostra, os participantes forneceram informações sobre idade, sexo, raça/etnia, região em que se residia no país, estado civil, renda mensal em salários mínimos e escolaridade. Peso e altura também foram coletados para classificação do estado nutricional antropométrico dos participantes (*World Health Organization*, 2000).

4.4 Instrumentos

4.4.1 *Positive-Negative Emotional Eating Scale* (PNEES)

A PNEES foi proposta por pesquisadores da Estônia para avaliar respostas emocionais negativas e positivas frente à alimentação (Sultson *et al.*, 2017). A PNEES foi desenvolvida a partir do conteúdo de outros instrumentos previamente disponíveis na literatura (p. ex., *Positive and Negative Affect Schedule* – PANAS e *Emotional Appetite Questionnaire* – EMAQ), visando elaborar itens relacionando emoções com alimentação e com sinais e sintomas de compulsão alimentar. O estudo original da escala também menciona que dados de estudos experimentais foram considerados para o desenvolvimento dos itens. A versão final da PNEES foi apresentada no estudo original com 19 itens e escala de resposta do tipo de *Likert* variando de 0 (*never*) a 4 (*very often*) pontos. A escala possui duas dimensões correlacionadas, sendo uma para avaliar a alimentação emocional negativa (PNEES-N - itens: 1, 2, 4, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 15, 16 e 18) e outra para avaliar alimentação emocional positiva (PNEES-P – itens: 3, 5, 9, 10, 14, 17 e 19). De acordo com o estudo original, quanto maior o escore para cada dimensão da PNEES maior a alimentação emocional (negativa/positiva). A numeração dos itens mencionada anteriormente está de acordo com a versão final apresentada no material suplementar do artigo original. Essa versão final encontra-se na língua inglesa e foi adaptada transculturalmente para o português do Brasil no presente estudo.

4.4.2 *Florence Emotional Eating Drive* (FEED) *Questionnaire*

O FEED foi proposto por pesquisadores de Florença, na Itália, para avaliar a alimentação emocional, explorando a frequência de emoções específicas experienciadas pelo indivíduo e o quanto essas emoções impulsionam o desejo de comer (Cassioli *et al.*, 2021). O FEED foi desenvolvido com base na adaptação dos itens da *Emotional Eating Scale* (EES), que explora o quanto as emoções impulsionam o desejo de comer, mas não abrange informações sobre a frequência das emoções. A versão final do FEED foi apresentada com 23 itens, sendo que cada um representa uma emoção (p. ex., *discouraged*; *sad*; *lonely*). O preenchimento do questionário é realizado em duas etapas. Para todos os itens, considera-se

duas perguntas introdutórias. A primeira pergunta é: *How often do you feel...?* e as opções de resposta variam de 0 (*never*) a 4 (*always*) pontos. A segunda pergunta é: *How strong is your drive for eating when you feel...?* e as opções de resposta variam de 0 (*no desire to eat*) a 4 (*an overwhelming urge to eat*) pontos. Utilizando estratégia exploratória, os autores do estudo original do FEED encontraram três dimensões e as nomearam como: *Depression* (itens: 2, 5, 9, 10, 14, 15, 18, 21 e 23), *Anger* (itens: 1, 6, 8, 11, 16, 17, 19 e 20) e *Anxiety* (itens: 3, 4, 7, 12, 13 e 22). Apesar de ter sido desenvolvido em contexto italiano, uma versão em inglês do FEED foi apresentada no material suplementar do artigo original e essa foi utilizada no presente estudo. É importante esclarecer que os itens do instrumento não foram numerados no arquivo do material suplementar, entretanto, no artigo original a numeração foi apresentada na Tabela 2. Sobre o escore do questionário, os autores apresentaram uma forma de obtê-lo por meio da recodificação de pontuações de ambas as escalas de respostas em uma única escala de 10 pontos que varia de 0 (*absence of the urge to eat in the presence of that emotion or the absence of the emotion itself*) a 9 (*an overwhelming urge to eat for an emotion that is always felt*) pontos. Por exemplo, uma pontuação de 2 na escala de frequência e uma pontuação de 3 na escala de desejo de comer seriam recodificadas como 5. Para maiores informações consultar a tabela desta dissertação que apresenta a versão final em português do FEED (ver Quadro 6).

4.5 Procedimentos

A coleta de dados se deu de forma online entre novembro de 2022 e agosto de 2023 utilizando o *Google Forms*. Para reduzir o viés de possíveis preenchimentos múltiplos por uma única pessoa, o participante precisou usar seu e-mail para preencher o formulário. Primeiramente, o estudo foi divulgado entre estudantes, professores e funcionários de diferentes instituições de ensino superior do Brasil via e-mail, redes sociais (p. ex., *Instagram*, *Whatsapp* e *Facebook*) e pessoalmente. Nos anúncios, foi pedido aos participantes que compartilhassem o *link* do formulário com suas redes de contatos. Assim, adotou-se a amostragem em Bola de Neve (i.e., um tipo de estratégia em que as pessoas convidadas inicialmente são consideradas “sementes” com o objetivo de alcançar outras). A participação no estudo foi voluntária, ou seja, não foi oferecida nenhuma compensação econômica de qualquer espécie, e o indivíduo poderia desistir a qualquer momento, não preenchendo o formulário on-line ou solicitando a retirada de suas respostas do banco de dados por e-mail.

4.6 Aspectos éticos

O estudo seguiu a Resolução Brasileira nº466/2012 das Diretrizes e Regulamentos para Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, que estão em conformidade com a Declaração de Helsinque. Todos os indivíduos que concordaram em participar, marcaram a opção “Concordo com as informações do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, que se encontrava na primeira seção do formulário e estava disponível para *download* (Anexo 1). O Comitê de Ética do Centro de Treinamento Físico do Exército (CCFEX) aprovou o estudo com número C.A.A.E.: 58840922.6.0000.9433 e número de parecer 5.441.250 (Anexo 2).

4.7 Adaptação transcultural

As diretrizes de Beaton *et al.*, (2000) foram utilizadas para conduzir a adaptação transcultural de ambos PNEES e FEED, do inglês para o português do Brasil. Nesse protocolo é recomendado seguir seis etapas, nomeadamente: tradução, síntese, revisão do comitê de especialistas, pré-teste, retrotradução e submissão dos documentos para os desenvolvedores, visando maximizar a obtenção das equivalências semântica, idiomática, experiencial e conceitual entre a versão original e a versão adaptada. É importante ressaltar que a etapa de retrotradução foi realizada por último para utilizar a versão final em português de cada instrumento, não sendo essa a sequência exata apresentada pelo protocolo selecionado.

4.7.1 Tradução

A versão em inglês de cada instrumento foi traduzida para o português por dois tradutores bilíngues que tinham como língua materna o português do Brasil. O primeiro tradutor, conhecido como tradutor ciente, era especialista em áreas do estudo (i.e., nutrição e saúde), visando garantir a adequada tradução de termos específicos. Já o segundo tradutor não tinha *expertise* alguma nas áreas do estudo.

4.7.2 Síntese

Os dois tradutores e um observador (pesquisador do presente estudo) reuniram-se para sintetizar as versões em português produzidas para cada instrumento na etapa de tradução, visando construir uma única versão (preliminar). O processo foi documentado para descrever possíveis problemas abordados e soluções.

4.7.3 Revisão do comitê de especialistas

Profissionais de diferentes áreas do conhecimento (três nutricionistas, dois psicológicos e um educador físico) e os sujeitos que participaram das etapas de tradução e

síntese, analisaram termos conceituais e culturais da versão em português obtida para cada instrumento, objetivando verificar sua adequação para o público-alvo do estudo (i.e., adultos brasileiros). O comitê pôde recorrer às traduções e aos relatórios produzidos em cada etapa. Em termos quantitativos, cada especialista julgou cada item de cada instrumento informando se ele era não claro (1 ponto), pouco claro (2 pontos), bastante claro (3 pontos) ou muito claro (4 pontos) para expressar adequadamente o que se esperava medir. Isso permitiu calcular o índice de validade de conteúdo (IVC) para cada item quanto à clareza, utilizando as respostas 3 e 4, conforme sugerido por Coluci *et al.*, 2015. Os itens com $IVC > 0,784$ foram considerados adequados, sem necessidade de discussão. Para o procedimento qualitativo, foi realizada discussão sobre o conteúdo de cada instrumento por meio de processo interativo entre os pesquisadores do presente estudo e os especialistas, visando clarificar pontos controversos (Coluci *et al.*, 2015).

4.7.4 Pré-Teste

O pré-teste, também conhecido como validade de face, foi realizado com uma amostra de 36 indivíduos da população-alvo (i.e., adultos brasileiros), visando verificar a adequação da versão confeccionada em português de cada instrumento. Para tanto, uma pesquisadora, devidamente treinada, solicitou a cada participante que preenchesse os itens da PNEES e do FEED e o Questionário de Praticabilidade, confeccionado por Coluci e Alexandre (2009). Tal questionário foi aplicado para avaliar o nível de facilidade para compreender o nome do instrumento, os itens e as opções de resposta, usando escala de resposta tipo *Likert* de concordância de cinco pontos. Na análise quantitativa, quando mais de 90% dos participantes indicaram concordar totalmente que os conteúdos eram fáceis de serem compreendidos e não houve nenhuma discussão qualitativa aberta no final do protocolo, o instrumento foi considerado adequado pelo público-alvo.

4.7.5 Retrotradução

Nessa etapa foi realizada a tradução da versão em português final de cada instrumento para o inglês com o intuito de verificar a equivalência com a versão original. A retrotradução foi realizada por um profissional que tinha o inglês como língua materna e não possuía conhecimento do material original e nem era das áreas do estudo. A retrotradução ocorreu apenas para checar inconsistências grosseiras ou erros conceituais na tradução, pois devido à adaptação transcultural, é normal que a versão retrotraduzida seja ligeiramente diferente do

original, já que questões culturais e idiomáticas são consideradas na construção da versão adaptada transculturalmente.

4.7.6 Submissão dos documentos para os desenvolvedores

Como última etapa, a versão em português e a retrotradução de cada instrumento foram enviadas para um dos autores originais (também conhecido como desenvolvedor) como forma de auditoria do processo, assumindo que o ele foi realizado de forma sistematicamente razoável.

4.8 Análise de dados

A PNEES e o FEED foram submetidos à Análise Fatorial Exploratória (AFE) para investigar a dimensionalidade de cada instrumento. Para tanto, o conjunto de dados coletados foi utilizado. Como a PNEES possui escala de resposta de 5 pontos, a AFE foi implementada utilizando matriz de correlação policórica com o método de estimação robusto *Diagonally Weighted Least Squares* (DWLS). Para o FEED, o método utilizado foi a Máxima Verossimilhança, pois possui escala de resposta final de 10 pontos. A interpretabilidade da matriz de correlação dos itens foi assegurada com base na significância ($p < 0,05$) do teste de *Bartlett* para esfericidade e resultado igual ou maior a 0,70 no teste *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) (Damásio, 2012; Ferrando; Lorenzo-Seva, 2018).

O número de dimensões retidas foi baseado no estudo original de cada instrumento (i.e., para a PNEES 2 dimensões e para o FEED 3 dimensões) e a técnica utilizada foi a análise paralela com permutação aleatória dos dados observados (Timmerman; Lorenzo-Seva, 2011). A rotação utilizada foi *Robust Promin* (Lorenzo-Seva; Ferrando, 2019). As cargas fatoriais menores que 0,30 foram suprimidas devido à baixa contribuição para a dimensão. Para analisar a qualidade do modelo sob investigação, foram considerados os seguintes índices: *Non-Normed Fit Index* (NNFI), *Comparative Fit Index* (CFI) e *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). Valores de NNFI e CFI superiores a 0,95 e de RMSEA inferiores a 0,08 indicaram um bom ajuste do modelo do instrumento aos dados (Schreiber *et al.*, 2006).

A estabilidade de cada dimensão foi avaliada usando o índice *H* com valores maiores que 0,80 sugerindo que a variável latente tem maior probabilidade de ser estável em diferentes estudos (Ferrando; Lorenzo-Seva, 2018). Além disso, os índices *Unidimensional Congruence* (UniCo), *Explained Common Variance* (ECV) e o *Mean of Item Residual Absolute Loadings* (MIREAL) foram analisados para investigar a possibilidade de o instrumento ser unidimensional. Quando encontrado UniCo > 0,95, ECV > 0,85 e MIREAL < 0,30 uma estrutura

unidimensional poderia ser plausível (Ferrando; Lorenzo-Seva, 2018). O programa utilizado para realizar a AFE foi o *Factor* (v. 11.04.02).

5 RESULTADOS

5.1 Adaptação transcultural dos instrumentos

Dois profissionais de idiomas realizaram de forma independente a etapa de tradução da PNEES e do FEED. As traduções foram utilizadas na etapa de síntese para identificar semelhanças e discordâncias entre as versões elaboradas pelo tradutor 1 (T1) e pelo tradutor 2 (T2).

Apresenta-se no Quadro 1 a versão original (em inglês) e as traduções iniciais (em português – T1 e T2) da PNEES. O conteúdo dos itens 1, 2, 3, 4, 8, 10, 11, 12, 13, 16, 17 e 19, o título da escala e as opções de resposta foram idênticos entre os tradutores. Por outro lado, a tradução da palavra *angry* (item 15), foi apresentada pelo T2 como “nervoso(a)” e pelo T1 como “com raiva”, que depois foi considerado mais apropriado. A palavra *guilty* (item 18) foi traduzida pelo T1 como “acolchoado” e pelo T2 como “culpado(a)”, sendo esta última mantida. A palavra *excited* (item 14) foi traduzida pelo T1 como “excitado” e pelo T2 como “animado(a)”, sendo essa última aceita como melhor. Quanto à tradução das palavras *drives* (itens 6, 7, 17 e 19) e *desire* (itens 5, 9 e 18) para o português, foram observadas semelhanças e divergências entre os tradutores. Assim, foram consultados textos científicos da área de estudo e, nesse sentido, considerou-se que, para uma boa compreensão dos itens da PNEES, o mais adequado seria utilizar “desejo” para a tradução de *desire* e “me leva a” como a tradução para *drives*.

Apresenta-se no Quadro 2 a versão original (em inglês) e as traduções iniciais (em português – T1 e T2) do FEED. A opção de resposta correspondente a *a few times* foi traduzida pelo T1 como “poucas vezes”, porém o tradutor T2 a traduziu como “quase nunca” que foi considerado mais apropriado. Já a palavra *drive* presente na sentença introdutória (*How strong is your drive for eating when you feel...?*), foi traduzida pelos dois tradutores como “desejo”, o que foi mantido, pois três opções de respostas combinam com o termo adotado (“nenhum desejo de comer”; “um pequeno desejo de comer”; “um desejo moderado de comer”). Em relação ao conteúdo dos itens do FEED, a palavra *discouraged* (item 2) foi traduzida como “desanimado” pelo T1 e como “desmotivado(a)” pelo T2. Após discutir, o comitê de síntese decidiu utilizar “desencorajado(a)”, considerado mais apropriado. Similarmente, outras decisões foram tomadas pelo comitê em relação às divergências: *shaky*

(item 3) foi traduzido como “trêmulo” (T1) / “instável” (T2), sendo este último o escolhido; *worn out* (item 4) foi traduzido como “esgotado” (T1) / “exausto(a)” (T2), sendo o último o escolhido; *inadequate* (item 5) foi traduzido como “incompetente” (T2) / “inadequado” (T1), sendo o último o escolhido; *blue* (item 7) foi traduzido como “triste” (T1) / “melancólico(a)” (T2), sendo o último escolhido; *jittery* (item 8) foi traduzido como “ansioso” (T1) / “agitado(a)” (T2), sendo o último o escolhido; *jealous* (item 12) foi traduzido como “com inveja” (T1) / “enciumado(a)” (T2), sendo o último o escolhido; e *angry* (item 20) foi traduzido como “irritado” (T1) / “bravo(a)” (T2), sendo o último o escolhido. O conteúdo dos demais itens (1, 6, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22 e 23) e as instruções do FEED foram traduzidos igualmente entre os tradutores.

É importante mencionar que em português o gênero dos adjetivos é igual ao dos substantivos, pois os adjetivos masculinos geralmente terminam em “o” e os adjetivos femininos terminam em “a”. Portanto, para utilizar uma linguagem neutra, o segundo tradutor (T2) incluiu “(a)” no final de algumas palavras, tanto na PNEES quanto no FEED [p. ex., “chateado(a)”; “irritado(a)”] e isso foi mantido. Além disso, o T2 utilizou o pronome pessoal no início das frases nos itens da PNEES (p. ex., “Eu tenho...”; “Eu costumo...”). Após permitir alterações, tanto na PNEES quanto no FEED, foi obtida uma versão preliminar em português, que foi revisada pelo comitê de especialistas.

Na avaliação quantitativa dos especialistas, observou-se concordância máxima (IVC=1,00) para diferentes elementos de cada instrumento. Contudo, outros elementos apresentaram valores de IVC variando de 0,67 a 0,83, sendo eles: o item 11 da PNEES (“Quando me sinto impotente, quero comer” / *When I am feeling helpless I want to eat*) com IVC igual a 0,67; o título do FEED (“Impulso Alimentar Emocional de Florença” / *Florence Emotional Eating Drive*) com IVC igual a 0,83; duas opções de resposta dos itens do FEED (“uma forte vontade de comer” / *a strong urge to eat*; “uma vontade imensa de comer” / *an overwhelming urge to eat*) com IVC igual a 0,83; e dois itens do FEED sendo um com IVC igual a 0,67 (item 3: “instável” / *shaky*) e outro com IVC igual a 0,83 (item 8: “agitado(a)” / *jittery*). Diante disso, foram realizadas avaliações qualitativas com os especialistas para discussões. Nestas, a palavra “impotente” do item 11 da PNEES foi alvo de discussão, mas ao final todos os especialistas concordaram que culturalmente era compreensível no Brasil para se referir a algo “fraco”. Apesar de o título do FEED ter sido apresentado por ambos tradutores como “Impulso Alimentar Emocional de Florença”, este não pareceu fazer sentido lógico, sendo alvo de discussão entre os especialistas que sugeriram usar “Questionário de Florença sobre Frequência de Emoções e Desejo de Comer (FEED)”. Isso foi acatado. No que

se refere às opções de resposta do FEED com IVC igual a 0,83, os especialistas chegaram ao consenso de que as traduções estavam adequadas, portanto, sem necessidade de alterações. Já sobre os itens 3 (*shaky*) e 8 (*jittery*), que foram traduzidos como “instável” e “agitado(a)”, respectivamente, houve discussões mais aprofundadas sobre a adequação, uma vez que para o Brasil tais palavras, especialmente “instável”, não são usuais para se referir a emoções. Contudo, os especialistas concordaram que utilizar outras palavras poderia desconfigurar a proposta original das emoções, sendo apropriado manter as traduções. Desse modo, uma versão pré-final em português de cada instrumento foi obtida e ambas foram encaminhadas para o pré-teste.

Os participantes do pré-teste foram 36 brasileiros, a maioria do sexo feminino (76,5%) com média de idade de 26,3 [desvio padrão (DP) = 9,6] anos. Os participantes preencheram a versão pré-final em português de cada instrumento e a maioria concordou que foi fácil compreender as instruções (FEED: discordo parcialmente=2,8%, concordo parcialmente=27,8%, concordo totalmente=69,4%), o conteúdo dos itens (PNEES: concordo parcialmente=18,9%, concordo totalmente=81,1%; FEED: discordo totalmente=2,7%, discordo parcialmente=5,5%, concordo parcialmente=19,4, concordo totalmente=72,4%) e as opções de resposta (PNEES: discordo totalmente=2,7%, discordo parcialmente=2,7%, sem opinião=2,7%, concordo parcialmente=21,6%, concordo totalmente=70,3%; FEED: discordo totalmente=2,7%, discordo parcialmente=2,7%, sem opinião=2,7%, concordo parcialmente=16,6%, concordo totalmente=75,3%) . Durante o pré-teste, nenhum participante apontou inadequação do conteúdo dos instrumentos. Porém, houve algumas discussões, mas como elas extrapolavam o construto dos instrumentos não foram acatadas para subsidiar alterações. Portanto, as versões em português foram consideradas adequadas e submetidas ao processo de retrotradução, ou seja, do português para o inglês.

Apresenta-se nos Quadros 3 e 4 a versão original e a retrotradução, respectivamente da PNEES e do FEED. Em ambas retrotraduções, algumas palavras/termos foram retrotraduzidos de forma diferente em relação à versão original. Por exemplo, na PNEES, a palavra *typically*, apresentada na versão original, foi discordante da retrotradução, emergindo como *tend*; no FEED, *alone* surgiu na retrotradução, enquanto no original a palavra é “*lonely*”. Isso não foi considerado um problema, após consulta com o comitê de especialistas.

Na sequência, a versão final em português de cada instrumento e as versões retrotraduzidas foram enviadas para um dos autores originais da PNEES e do FEED de modo que pudessem ter conhecimento sobre a finalização do processo de adaptação transcultural que foi previamente autorizado por eles. No Quadro 5 está apresentada a versão final em

português do Brasil da PNEES e no Quadro 6 encontra-se a versão final em português do Brasil do FEED.

Quadro 1. Versão original (inglês) e traduções iniciais (português) da *Positive-Negative Emotional Eating Scale* (PNEES)

Versão Original	Tradutor 1 (T1)	Tradutor 2 (T2)
<i>Positive-Negative Emotional Eating Scale (PNEES)</i>	Escala de Alimentação Emocional Positiva-Negativa (PNEES)	Escala de Alimentação Emocional Positiva-Negativa (PNEES)
<i>0 (never) to 4 (very often)</i>	0 (nunca) a 4 (muitas vezes)	0 (nunca) a 4 (muitas vezes)
<i>1. I tend to eat when I am grumpy.</i>	1. Eu costumo comer quando estou mal-humorado	1. Eu costumo comer quando estou mal-humorado(a).
<i>2. I have a tendency to eat when I am upset.</i>	2. Tenho tendência a comer quando estou chateado.	2. Eu tenho a tendência de comer quando estou chateado(a).
<i>3. When I am feeling active and motivated I have a tendency to eat.</i>	3. Costumo comer quando me sinto motivado.	3. Eu costumo comer quando estou me sentindo motivado(a).
<i>4. I tend to eat when I am disappointed.</i>	4. Costumo comer quando estou me sentindo decepcionado.	4. Eu costumo comer quando me sinto decepcionado(a).
<i>5. I have a desire to eat when I am joyful</i>	5. Tenho vontade de comer quando estou alegre.	5. Tenho desejo de comer quando estou alegre.
<i>6. Feeling irritated drives me to eat.</i>	6. Tenho vontade/impulso de comer quando estou irritado.	6. Tenho vontade de comer quando estou irritado(a).
<i>7. Feeling tense or anxious drives me to eat.</i>	7. Tenho vontade/impulso de comer quando me sinto tenso ou ansioso.	7. Eu tenho vontade de comer quando estou me sentindo tenso(a) ou ansioso(a).
<i>8. I have a tendency to eat when I am sad.</i>	8. Tenho tendência a comer quando me sinto triste.	8. Eu tenho uma tendência a comer quando me sinto triste.
<i>9. I have a desire to eat when I am full of energy.</i>	9. Tenho vontade de comer quando estou cheio de energia.	9. Eu tenho desejo de comer quando estou cheio de energia.
<i>10. I feel like eating when I am content with myself.</i>	10. Tenho vontade de comer quando me sinto	10. Eu tenho vontade de comer quando estou me

	satisfeito.	sentindo satisfeito(a).
11. <i>When I am feeling helpless I want to eat.</i>	11. Quando me sinto impotente, quero comer.	11. Quando me sinto impotente quero comer.
12. <i>When I am feeling restless I have a tendency to eat.</i>	12. Tenho tendência a comer quando me sinto inquieto.	12. Tenho tendência a comer quando me sinto inquieto(a).
13. <i>I feel like eating when I am offended.</i>	13. Eu sinto vontade de comer quando estou ofendido.	13. Eu tenho vontade de comer quando me sinto ofendido(a).
14. <i>I tend to eat when I get excited about something.</i>	14. Costumo comer quando fico excitado com alguma coisa.	14. Costumo comer quando fico animado(a) com alguma coisa.
15. <i>I feel like eating when I am angry.</i>	15. Tenho vontade de comer quando estou com raiva.	15. Tenho vontade de comer quando estou nervoso(a).
16. <i>I have a tendency to eat when I am feeling lonely.</i>	16. Tenho tendência a comer quando me sinto sozinho.	16. Tenho uma tendência a comer quando me sinto sozinho(a).
17. <i>Feeling confident drives me to eat.</i>	17. Sentir-se confiante me faz querer comer.	17. Sentir-me confiante me faz querer comer.
18. <i>When I am feeling guilty I get a desire to eat.</i>	18. Eu tenho um desejo/impulso de comer quando estou me sentindo acolchoado.	18. Tenho vontade de comer quando me sinto culpado.
19. <i>Being fascinated about something drives me to eat.</i>	19. Fascinar-me por algo me leva a comer.	19. Fascinar-me com algo me leva a comer.

Quadro 2. Versão original (inglês) e traduções iniciais (português) da *Florence Emotional Eating Drive* (FEED)

Versão Original	Tradutor 1 (T1)	Tradutor 2 (T2)
<i>Florence Emotional Eating Drive (FEED)</i>	Impulso Alimentar Emocional de Florença (FEED)	Impulso Alimentar Emocional de Florença (FEED)
<i>We all respond to different emotions with different behaviors. Some emotions may trigger in ourself the desire to eat or make us feel hungry. Please indicate how often you happen to feel the emotions reported below and the extent of how much such emotions drive you to eat, or desire to. By answering the following questions you will contribute to the validation of the FEED questionnaire. Your data will be treated as strictly confidential. Please report the informations required in the fields below. Your data will be used to create a personal ID for proper data management. Thank you for your cooperation.</i>	Todos nós respondemos a emoções diferentes com comportamentos diferentes. Algumas emoções podem desencadear em nós o desejo de comer ou nos fazer sentir fome. Por favor, indique com que frequência você sente as emoções relatadas abaixo e a extensão do quanto essas emoções o levam a comer ou desejam. Ao responder as perguntas seguintes, você contribuirá para a validação do questionário FEED. Seus dados serão tratados como estritamente confidenciais. Por favor, informe as informações solicitadas nos campos abaixo. Seus dados serão usados para criar uma identificação pessoal para o gerenciamento adequado de dados. Obrigado por sua cooperação.	Todos nós respondemos a diferentes emoções com comportamentos diferentes. Algumas emoções podem desencadear em nós o desejo de comer ou nos faz sentir fome. Por favor indique com que frequência você sente as emoções a seguir e o quanto tais emoções o levam a comer, ou ao desejo de comer. Ao responder tais perguntas você contribuirá para a validação do questionário FEED. Seus dados receberão tratamento estritamente confidencial. Por gentileza descreva os dados pedidos a seguir. Suas informações serão usadas para criar um id pessoal para o gerenciamento adequado de dados. Obrigado pela sua cooperação.
<i>How often do you feel...?</i>	Com que frequência você se sente...?	Com que frequência você se sente...?
<i>Never</i>	Nunca	Nunca
<i>A few times</i>	Poucas vezes	Quase nunca
<i>Sometimes</i>	Às vezes	Às vezes

<i>Often</i>	Frequentemente	Frequentemente
<i>Always</i>	Sempre	Sempre
<i>How strong is your drive for eating when you feel...?</i>	Quão forte é o seu desejo de comer quando você se sente...?	O quão forte é seu desejo de comer quando você se sente...?
<i>No desire to eat</i>	Sem desejo de comer	Nenhum desejo de comer
<i>A small desire to eat</i>	Pequeno desejo de comer	Um pequeno desejo de comer
<i>A moderate desire to eat</i>	Desejo moderado de comer	Um desejo moderado de comer
<i>A strong urge to eat</i>	Uma forte vontade de comer	Uma forte vontade de comer
<i>An overwhelming urge to eat</i>	Vontade irresistível de comer	Uma vontade imensa de comer
<i>Resentful</i>	Ressentido	Ressentido(a)
<i>Discouraged</i>	Desanimado	Desmotivado(a)
<i>Shaky</i>	Trêmulo	Instável
<i>Worn out</i>	Esgostado	Exausto(a)
<i>Inadequate</i>	Inadequado	Incompetente
<i>Rebellious</i>	Rebelde	Rebelde
<i>Blue</i>	Triste	Melancólico(a)
<i>Jittery</i>	Ansioso	Agitado(a)
<i>Sad</i>	Triste	Triste
<i>Uneasy</i>	Inquieto	Inquieto(a)
<i>Irritated</i>	Irritado	Irritado(a)
<i>Jealous</i>	Com inveja	Enciumado(a)
<i>Worried</i>	Preocupado	Preocupado(a)
<i>Frustrated</i>	Frustrado	Frustrado(a)

<i>Lonely</i>	Sozinho	Sozinho(a)
<i>Furious</i>	Furioso	Furioso(a)
<i>On edge</i>	No limite	No limite
<i>Confused</i>	Confuso	Confuso(a)
<i>Nervous</i>	Nervoso	Nervoso(a)
<i>Angry</i>	Irritado	Bravo(a)
<i>Guilty</i>	Culpado	Culpado(a)
<i>Bored</i>	Entediado	Entediado(a)
<i>Upset</i>	Chateado	Chateado(a)

Quadro 3. Versão original (inglês) e retrotradução da *Positive-Negative Emotional Eating Scale* (PNEES)

Versão Original	Retrotradução
<i>Positive-Negative Emotional Eating Scale (PNEES)</i>	<i>Scale of Positive-Negative Emotional Health (PNEES)</i>
<i>0 (never) to 4 (very often)</i>	<i>0 (never) to 4 (very often)</i>
<i>1. I tend to eat when I am grumpy.</i>	<i>1. I typically eat when I am grumpy.</i>
<i>2. I have a tendency to eat when I am upset.</i>	<i>2. I have a tendency to eat when I am upset.</i>
<i>3. When I am feeling active and motivated I have a tendency to eat.</i>	<i>3. I typically eat when I feel motivated.</i>
<i>4. I tend to eat when I am disappointed.</i>	<i>4. I typically eat when I feel disappointed.</i>
<i>5. I have a desire to eat when I am joyful</i>	<i>5. I have a desire to eat when I am happy.</i>
<i>6. Feeling irritated drives me to eat.</i>	<i>6. I have an impulse/the urge to eat when I am irritated.</i>
<i>7. Feeling tense or anxious drives me to eat.</i>	<i>7. I have an impulse/the urge to eat when I feel tense or anxious.</i>
<i>8. I have a tendency to eat when I am sad.</i>	<i>8. I have a tendency to eat when I feel sad.</i>
<i>9. I have a desire to eat when I am full of energy.</i>	<i>9. I have a desire to eat when I am full of energy.</i>
<i>10. I feel like eating when I am content with myself.</i>	<i>10. I have an urge to eat when I feel full.</i>
<i>11. When I am feeling helpless I want to eat.</i>	<i>11. When I feel powerless, I want to eat.</i>
<i>12. When I am feeling restless I have a tendency to eat.</i>	<i>12. I have a tendency to eat when I feel restless.</i>
<i>13. I feel like eating when I am offended.</i>	<i>13. I feel the desire to eat when I am offended.</i>
<i>14. I tend to eat when I get excited about something.</i>	<i>14. I typically eat when I get excited about something.</i>
<i>15. I feel like eating when I am angry.</i>	<i>15. I have the desire to eat when I feel angry.</i>
<i>16. I have a tendency to eat when I am feeling lonely.</i>	<i>16. I have a tendency to eat when I feel alone.</i>
<i>17. Feeling confident drives me to eat.</i>	<i>17. Feeling confident makes want to eat.</i>
<i>18. When I am feeling guilty I get a desire to eat.</i>	<i>18. I have an impulse/the urge to eat when I feel guilty.</i>
<i>19. Being fascinated about something drives me to eat.</i>	<i>19. Becoming fascinated with something makes me want to eat.</i>

Quadro 4. Versão original (inglês) e Versão original (inglês) e retrotradução da *Florence Emotional Eating Drive (FEED)*

Versão Original	Retrotradução
<i>Florence Emotional Eating Drive (FEED)</i>	<i>Florence Questionnaire on Frequency and Intensity of Emotional Eating (FEED)</i>
<i>We all respond to different emotions with different behaviors. Some emotions may trigger in ourself the desire to eat or make us feel hungry. Please indicate how often you happen to feel the emotions reported below and the extent of how much such emotions drive you to eat, or desire to. By answering the following questions you will contribute to the validation of the FEED questionnaire. Your data will be treated as strictly confidential. Please report the informations required in the fields below. Your data will be used to create a personal ID for proper data management. Thank you for your cooperation.</i>	<i>We all respond to different emotions with varying behaviors. Some emotions might trigger within us the desire to eat or feel hungry. Please, indicate the frequency in which you experience the emotions listed below and how much you carry these emotions with you when eating or experiencing a desire to eat. In responding to these questions, you will contribute to the validity of the questionnaire. The information you provide will be treated with the utmost confidentiality. Please, fill in the solicited information in the fields below. Your information will be used to create a personal identifier for the adequate management of your data. Thank you for your cooperation.</i>
<i>How often do you feel...?</i>	<i>With what frequency do you feel...?</i>
<i>Never</i>	<i>Never</i>
<i>A few times</i>	<i>Once in a while</i>
<i>Sometimes</i>	<i>Sometimes</i>
<i>Often</i>	<i>Frequently</i>
<i>Always</i>	<i>Always</i>
<i>How strong is your drive for eating when you feel...?</i>	<i>How strong is your impulse to eat when you feel...?</i>

<i>No desire to eat</i>	<i>No desire to eat</i>
<i>A small desire to eat</i>	<i>A small desire to eat</i>
<i>A moderate desire to eat</i>	<i>A moderate desire to eat</i>
<i>A strong urge to eat</i>	<i>A strong desire to eat</i>
<i>An overwhelming urge to eat</i>	<i>An immense desire to eat</i>
<i>Resentful</i>	<i>Resentful</i>
<i>Discouraged</i>	<i>Discouraged</i>
<i>Shaky</i>	<i>Unstable</i>
<i>Worn out</i>	<i>Exhausted</i>
<i>Inadequate</i>	<i>Inadequate</i>
<i>Rebellious</i>	<i>Rebellious</i>
<i>Blue</i>	<i>Melancholic</i>
<i>Jittery</i>	<i>Agitated</i>
<i>Sad</i>	<i>Sad</i>
<i>Uneasy</i>	<i>Restless</i>
<i>Irritated</i>	<i>Irritated</i>
<i>Jealous</i>	<i>Jealous</i>
<i>Worried</i>	<i>Worried</i>
<i>Frustrated</i>	<i>Frustrated</i>
<i>Lonely</i>	<i>Alone</i>
<i>Furious</i>	<i>Furious</i>
<i>On edge</i>	<i>On edge</i>
<i>Confused</i>	<i>Confused</i>

<i>Nervous</i>	<i>Nervous</i>
<i>Angry</i>	<i>Angry</i>
<i>Guilty</i>	<i>Guilty</i>
<i>Bored</i>	<i>Bored</i>
<i>Upset</i>	<i>Upset</i>

Quadro 5. Versão traduzida para o português e adaptada para a cultura do Brasil da *Positive-Negative Emotional Eating Scale* (PNEES)

Escala de Alimentação Emocional Positiva-Negativa (PNEES)						
		Opções de resposta				
Item		0 nunca	1	2	3	4 muitas vezes
1 ^N	Eu costumo comer quando estou mal-humorado(a).					
2 ^N	Eu tenho uma tendência para comer quando estou chateado(a).					
3 ^P	Quando me sinto ativo(a) e motivado(a), tenho uma tendência para comer.					
4 ^N	Eu costumo comer quando estou decepcionado(a).					
5 ^P	Eu tenho um desejo de comer quando estou alegre.					
6 ^N	Sentir-me irritado(a) me leva a comer.					
7 ^N	Sentir-me tenso(a) ou ansioso(a) me leva a comer.					
8 ^N	Eu tenho uma tendência para comer quando me sinto triste.					
9 ^P	Eu tenho um desejo de comer quando estou cheio(a) de energia.					
10 ^P	Eu sinto vontade de comer quando estou satisfeito(a) comigo mesmo(a).					
11 ^N	Quando me sinto desamparado(a), quero comer.					
12 ^N	Quando me sinto inquieto(a), tenho uma tendência para comer.					
13 ^N	Eu sinto vontade de comer quando estou ofendido(a).					
14 ^P	Eu costumo comer quando fico animado(a) com alguma coisa.					
15 ^N	Eu sinto vontade de comer quando estou com raiva.					
16 ^N	Eu tenho uma tendência para comer quando me sinto solitário(a).					
17 ^P	Sentir-me confiante me leva a comer.					
18 ^N	Quando me sinto culpado(a), tenho um desejo de comer.					
19 ^P	Fascinar-me por algo me leva a comer.					

Nota. Esta é a versão em português final do instrumento sugerida para ser testada/aplicada em futuras investigações. A PNEES é um instrumento propostos originalmente para ser bidimensional, portanto, “N” sobrescrito indica itens que fazem parte da dimensão “Alimentação Emocional Negativa” e “P” sobrescrito indica itens que fazem parte da dimensão “Alimentação Emocional Positiva”.

Quadro 6. Versão traduzida para o português e adaptada para a cultura do Brasil do *Florence Emotional Eating Drive* (FEED)

[illegible]

14 ^D	Frustrado(a)										
15 ^D	Solitário(a)										
16 ^R	Furioso(a)										
17 ^R	No limite										
18 ^D	Confuso(a)										
19 ^R	Nervoso(a)										
20 ^R	Bravo(a)										
21 ^D	Culpado(a)										
22 ^A	Entediado(a)										
23 ^D	Chateado(a)										

Nota. Esta é a versão em português final do instrumento sugerida para ser testada/aplicada em futuras investigações. O FEED é um instrumento propostos originalmente com três dimensões, portanto, “D” sobrescrito indica os itens que fazem parte da dimensão “Depressão”; “R” sobrescrito indica os itens que fazem parte da dimensão “Raiva”; e “A” sobrescrito indica os itens que fazem parte da dimensão “Ansiedade”.

O quadro a seguir apresenta o procedimento de pontuação para recodificações de ambas as escalas de resposta do FEED para uma única escala de 10 pontos variando de 0 a 9.

		O quão forte é seu desejo de comer quando você se sente...?				
		Nenhum desejo de comer: 0	Um pequeno desejo de comer: 1	Um desejo moderado de comer: 2	Uma forte vontade de comer: 3	Uma vontade imensa de comer: 4
Com que frequência você se sente...?	Nunca: 0	0	0	0	0	0
	Quase Nunca: 1	0	1	2	3	4
	Às vezes: 2	0	2	4	5	6
	Frequentemente: 3	0	3	5	7	8
	Sempre: 4	0	4	6	8	9

5.2 Caracterização dos participantes do estudo transversal

No total, 720 indivíduos preencheram a versão final em português da PNEES e do FEED e os itens demográficos. Do total de participantes, 61,2% identificaram-se como mulheres, 38,7% como homens e 0,1% como não binários. A média de idade dos participantes foi de 32,2 anos (DP=10,6). O índice de massa corporal médio dos participantes foi de 26,1 (DP=5,1) kg/m² (baixo peso=3,2%; peso normal=46,9%; sobrepeso=30,8%; obesidade=19,1%). A maioria dos participantes relatou residir na região Sudeste do Brasil (Norte=3,2%; Nordeste=8,1%; Centro-Oeste=8,1%; Sudeste=73,9%; Sul=6,7%), ser solteiro (solteiro=53,5%; casado=41,2%, divorciado=5,3%), possuir renda mensal entre 2 e 6 salários mínimos (<2=33,4%; 2-6=34,9%; >6=31,7%), ter ensino superior completo (ensino fundamental/médio=29,9%; ensino superior=70,1%) e ser branco (branco=62,3%; pardo/preto=35,5%; outros=2,2%).

5.3 Análise fatorial exploratória

Para ambos os instrumentos, o teste de esfericidade de *Bartlett* (PNEES: 8206,8; graus de liberdade=171, $p<0,001$; FEED: 8191,4; graus de liberdade=253, $p<0,001$) e o KMO (PNEES: 0,93; FEED: 0,96) sugeriram interpretabilidade da matriz de correlação dos itens. A Tabela 1 apresenta os resultados encontrados na AFE para cada instrumento

Tabela 1. Cargas fatoriais obtidas por meio de análise fatorial exploratória apresentando as dimensões da *Positive-Negative Emotional Eating Scale* (PNEES) e do *Florence Emotional Eating Drive* (FEED) para os dados coletados com indivíduos brasileiros.

PNEES	Carga fatorial das dimensões		FEED	Carga fatorial das dimensões		
nº do item	1	2	nº do item	1	2	3
1	0,849	-0,015	1	0,783*	0,190	-0,168
2	0,979	-0,030	2	0,764	0,138	-0,127
3	-0,095	0,835	3	-0,149	0,111	0,314
4	0,971	-0,023	4	0,014	0,240	0,377
5	0,086	0,831	5	0,709	0,042	-0,122
6	0,878	-0,014	6	0,133	0,335	-0,004
7	0,896	-0,124	7	0,846*	-0,132	0,038
8	0,960	-0,035	8	0,134	-0,096	0,750*
9	-0,066	0,952	9	0,823	-0,122	0,105

10	-0,138	0,923	10	-0,274	0,016	0,961*
11	0,928	-0,015	11	0,056	0,663	0,159
12	0,709	0,082	12	0,190	0,444*	-0,196
13	0,779	0,092	13	0,180	0,133	0,446
14	0,043	0,936	14	0,638	-0,016	0,219
15	0,816	0,029	15	0,592	-0,069	0,174
16	0,754	0,042	16	-0,144	0,981	-0,185
17	0,018	0,907	17	0,099	0,342	0,243
18	0,788	0,047	18	0,235	0,331*	0,119
19	0,082	0,742	19	-0,061	0,676	0,221
			20	-0,102	0,978	-0,074
			21	0,647	0,056	0,001
			22	0,049	-0,113	0,683
			23	0,650	0,160	0,034
índice <i>H</i>	0,992	0,987	Índice <i>H</i>	0,967	0,958	0,948

Nota. As cargas dos itens na dimensão correspondente estão apresentadas em negrito. Asterisco indica item carregado em dimensão diferente da proposta original. PNEES: 1: alimentação emocional negativa, 2: alimentação emocional positiva. FEED: 1: Depressão, 2: Raiva, 3: Ansiedade

Para a PNEES, a análise paralela extraiu duas dimensões com proporção acumulada de variância de 73,9% e índices de ajuste aceitáveis (NNFI=0,94; CFI=0,95), exceto para o RMSEA que foi de 0,19. A estrutura bidimensional encontrada no presente estudo foi idêntica à proposta original da PNEES. Para o FEED, foram extraídas três dimensões com proporção acumulada de variância de 56,7% e bons índices de ajuste (NNFI=0,98; CFI=0,98; RMSEA=0,06). A estrutura tridimensional foi semelhante à proposta original do questionário, com a maioria dos itens carregando nos seus fatores apropriados; exceto para os itens 1, 7, 8, 10, 12 e 18 que carregaram em dimensões diferentes da proposta original.

O índice *H* sugeriu que as dimensões encontradas para cada instrumento provavelmente permanecerão estáveis em investigações posteriores (ver Tabela 1). Quanto à possibilidade de a estrutura do instrumento ser unidimensional, isso foi demonstrado para o FEED (UniCo=0,97; ECV=0,87; MIREAL=0,21), mas não para a PNEES (UniCo=0,76; ECV=0,67; MIREAL=0,41).

6 DISCUSSÃO

Neste estudo, traduzidos para o português e adaptamos para o contexto brasileiro a versão original da PNEES e a do FEED, que são instrumentos específicos para avaliar o comportamento alimentar emocional das pessoas. Adicionalmente, exploramos a dimensionalidade de cada instrumento buscando compreender a operacionalização com dados do Brasil. A PNEES é uma escala que inclui itens que visam avaliar a alimentação a partir de sentenças que abordam emoções negativas e positivas com foco no aumento da ingestão alimentar. Já o FEED é um questionário que inclui itens descritos como emoções negativas, quantificando a frequência da emoção e o quanto ela influencia na diminuição ou aumento da ingestão de alimentos. Com o desenvolvimento desta pesquisa, a PNEES e o FEED estão agora disponíveis em português brasileiro e as versões podem ser utilizadas em futuros protocolos para ampliar as possibilidades de avaliação do comportamento alimentar emocional de pessoas com idade igual ou superior a 18 anos. É importante ressaltar que cada protocolo deve analisar previamente se o instrumento é válido e confiável (Kline, 2016) para o contexto de aplicação antes de utilizá-lo.

A adaptação transcultural foi realizada de acordo com diretriz internacional (Beaton *et al.*, 2000) para obter validade de conteúdo a partir de seis etapas. Tanto a PNEES, quanto o FEED foram inicialmente desenvolvidos em línguas e culturas diferentes do Brasil. Assim, conduzimos um processo detalhado envolvendo a obtenção de equivalência semântica, idiomática, experiencial e conceitual entre as versões original e em português brasileiro no que diz respeito ao conteúdo (i.e., título, instruções, itens e opções de resposta) de cada instrumento. Na etapa de tradução, a maioria dos itens, de ambos os instrumentos, foi igualmente traduzida pelos tradutores, demonstrando equivalência semântica e idiomática (Beaton *et al.*, 2000), pois houve mais concordância do que discordância entre os profissionais. Quando houve divergência, o comitê de síntese analisou as traduções e escolheu aquela com significado mais semelhante ao conteúdo original. Quando nenhuma das traduções foi considerada adequada, uma nova opção foi formulada, o que ocorreu com “desamparado(a)”, usado como tradução para *helpless* (item 11 da PNEES), e “desencorajado(a)”, usado como tradução para *discouraged* (item 2 do FEED). Vale destacar que há desafio no que se refere a tradução de algumas palavras de um idioma para outro, como ocorre, por exemplo, com a palavra *drive*, que em português pode significar “impulso”, “vontade”, “desejo”, “me leva a”, entre outros que não necessariamente são sinônimos. Na versão em português da PNEES, produzida neste estudo, a palavra *drive*, presente nos itens,

foi adaptada para ser compreendida como “me leva a”. Em contraste, nas opções de resposta do FEED, *drive* foi adaptado para o português do Brasil como “desejo”. Essa discrepância evidencia o desafio do processo de tradução e adaptação cultural, necessário para alcançar equivalência experiencial e conceitual (Beaton *et al.*, 2000), de cada instrumento visando melhor compreensão de termos em associação ao conteúdo original.

A dificuldade de adaptar *shaky* e *jittery* para o português do Brasil também emergiu nos itens do FEED. *Shaky* foi inicialmente traduzido como “instável”, mas o comitê de especialistas preferiu usar “trêmulo(a)”, pois capta a experiência da vida cotidiana e alcança equivalência experiencial. *Jittery* foi inicialmente traduzido como “agitado(a)”, mas essa palavra pode ter múltiplos significados em português (p. ex., “nervoso”; “incapaz de relaxar”; “ansioso”; “extremamente tenso”). Após discussão, o comitê sugeriu o uso de “ansioso”, pois a ansiedade está relacionada a um maior risco de alimentação emocional (Dakanalis *et al.*, 2023). Além disso, o comitê concordou com o tradutor 2 em manter o uso de palavras como forma de incluir pessoas de sexos biológicos diferentes [p. ex., “satisfeito(a)”. É importante mencionar que essa forma de apresentação de termos pode ser considerada mais inclusiva, sendo algo interessante para adoção quando da adaptação de outros instrumentos de medida.

Uma outra sugestão do comitê foi a adaptação do título do FEED. Mesmo com a concordância entre os tradutores, o comitê sugeriu um novo título visando equivalência experiencial, pois o título inicialmente proposto (Impulso Alimentar Emocional de Florença) foi considerado pouco claro em português. Como o FEED inclui duas etapas de resposta (avaliando a frequência da emoção e o quanto essa impulsiona o desejo de comer) isso foi considerado para a adaptação do título, que passou a ser “Questionário de Florença sobre Frequência de Emoções e Desejo de Comer (FEED)”. É importante esclarecer que esse título é apenas uma sugestão para uso em âmbito brasileiro, podendo não ser o mais aplicável para outros contextos, tais como Portugal, Moçambique, entre outros que também têm o português como idioma oficial. Ademais, vale alertar que, mesmo que o título de cada instrumento tenha sido traduzido e adaptado para o português do Brasil, não apresentamos e nem recomendamos o uso de uma nova abreviatura, sendo indicado manter FEED e PNEES, conforme proposto originalmente. Isso é importante visando padronizar a literatura facilitando assim, a identificação sobre a avaliação e uso de tais instrumentos em diferentes partes do mundo.

No que se refere ao pré-teste, a versão pré-final em português de cada instrumento foi testada com um grupo de pessoas da população-alvo (i.e., brasileiros com idade ≥ 18 anos). Nesse, a maioria dos participantes informou compreender facilmente o conteúdo de ambos os instrumentos. Conforme descrito na literatura, as pessoas não devem ter dificuldade em

compreender o significado de palavras/termos de um instrumento, pois o processamento cognitivo deve estar relacionado ao construto (Beaton *et al.*, 2000; Coluci *et al.*, 2015; Coluci; Alexandre, 2009) que no caso deste estudo é sobre como as emoções impactam no desejo de consumir alimentos. Em relação às entrevistas realizadas no pré-teste, observou-se que os relatos dos participantes não foram sobre a compreensão do conteúdo, mas sim sobre questões pessoais. Por exemplo, alguns indivíduos afirmaram que suas emoções eram gatilhos para comer mais ou menos e reconheceram a importância disso. Como nenhum participante indicou necessidade de alteração do conteúdo dos instrumentos, eles foram considerados adequados ao público-alvo e foram submetidos à etapa de retrotradução.

A retrotradução foi realizada como última etapa do processo de adaptação transcultural para evitar a execução desse procedimento precocemente diante da possibilidade de alterações substanciais nas etapas subsequentes, o que ocorreu neste estudo a partir da revisão do comitê de especialistas. Como houve adaptações culturais brasileiras, esperava-se que a versão alvo retrotraduzida fosse, pelo menos, um pouco diferente da versão original em inglês. As discussões realizadas pelos pesquisadores do presente estudo com os tradutores e o comitê de especialistas levaram à conclusão de que tais divergências não deveriam ser consideradas violações teóricas impeditivas para a captura do construto alimentação emocional. É importante ressaltar que todas as alterações realizadas no conteúdo de cada instrumento visaram alcançar um conjunto de equivalências entre a versão original e a em português (Beaton *et al.*, 2000), o que foi realizado por especialistas qualificados nas áreas de saúde, nutrição, idiomas, metodologia de pesquisa científica e psicometria.

Com a versão final em português de cada instrumento, o presente estudo avançou e coletou dados com a população-alvo visando realizar análise fatorial exploratória para identificar quaisquer variáveis latentes que façam com que as variáveis manifestas covariem (Costello; Osborne, 2005). Os testes iniciais indicaram a plausibilidade da interpretação da matriz de correlação dos itens, mostrando a adequação do conjunto de dados coletados. Até onde se sabe, este é o primeiro estudo que investigou até o momento a dimensionalidade da PNEES e do FEED usando dados brasileiros, sendo uma pesquisa pioneira na investigação de propriedades de validade desses instrumentos. Portanto, as comparações foram focadas nos estudos originais, devido à literatura limitada. Confirmando o estudo original (Sultson *et al.*, 2017), os dados brasileiros também sugeriram que os itens da PNEES estão distribuídos em duas dimensões com um bom percentual de variância explicada (estudo original: 60%; a presente pesquisa: 73,9%). Manchón e colegas (2021), aplicaram a PNEES na Espanha e confirmaram que o modelo com duas dimensões foi adequado para a amostra de estudo. Tal

achado associado às descobertas da presente pesquisa sobre a alta probabilidade de replicabilidade das variáveis latentes e a rejeição de uma estrutura unidimensional sugerem a adequação do modelo bidimensional da PNEES. Como as pessoas podem comer diante de emoções positivas (Bongers *et al.*, 2013) e/ou negativas (Kukk; Akkermann, 2017), a PNEES torna-se um instrumento promissor para protocolos futuros ao endossar ambos estados (Sultson *et al.*, 2017). Vale ressaltar que o valor de RMSEA encontrado no presente estudo não atingiu o ponto de corte desejado, mas isso não representa um mau ajuste do modelo, pois esse é um índice de discrepância populacional que pode mudar de acordo com os graus de liberdade do modelo e o tamanho da amostra (Shi; Lee; Maydeu-Olivares, 2018).

Em relação ao FEED, a análise exploratória alcançou três dimensões explicando 56,7% da variância total, resultado concordante com o estudo original, que constatou que 58% da variância representava as dimensões: Depressão, Raiva e Ansiedade. Apesar disso, houve algumas discordâncias no que se refere a distribuição de itens por dimensão. Os achados do presente estudo revelaram uma distribuição diferente para seis itens em relação ao original. O item 1 (*resentful*; em português: “ressentido”) que faz parte originalmente da dimensão raiva e o item 7 (*blue*; em português: “melancólico”) que faz parte originalmente da dimensão ansiedade, no presente estudo foram alocados de maneira mais significativa na dimensão depressão. Duarte e Pinto-Gouveia (2015) testando outra medida de alimentação emocional descobriram que a emoção *blue* apresentou maior carga fatorial para a dimensão depressão, corroborando os resultados do presente estudo. Uma possível justificativa para tal resultado é que melancolia e ressentimento estão comumente presentes em um estado *blue* podendo isso fazer parte dos sintomas de transtorno depressivo maior (p. ex., sentimento de culpa excessiva e humor deprimido) de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5 TR; *American Psychological Association*, 2023).

No estudo original do FEED, o item 8 (*jittery*; em português: “ansioso(a)”) faz parte da dimensão raiva e o item 10 (*uneasy*; em português: “inquieto(a)”) faz parte da dimensão depressão, mas no presente estudo ambos os itens tiveram maior carga fatorial para a dimensão ansiedade. Arnou e colegas (1995), ao desenvolverem um dos primeiros instrumentos de alimentação emocional, descobriram que o nervosismo e a inquietação foram mais proeminentes para a dimensão ansiedade, corroborando os achados do presente estudo. Na mesma linha, o transtorno de ansiedade social endossa uma série de sinais e sintomas que podem incluir desconforto, conforme mostrado no DSM-5 TR (*American Psychological Association*, 2023). Ainda, Ahlich *et al.*, (2023), examinaram a heterogeneidade das emoções e dos comportamentos alimentares desregulados entre adultos americanos e descobriram que

jittery foi um item que foi descartado na maioria dos casos devido a cargas fracas ou altas cargas cruzadas. Isso pode ter ocorrido porque um item com conteúdo sobre ansiedade também foi endossado entre as emoções examinadas para estabelecer os fatores latentes.

Ainda sobre a distribuição de itens por dimensão do FEED, no estudo original o item 12 (*jealous*; em português: “enciumado”) faz parte da dimensão ansiedade e o item 18 (*confuse* em português: “confuso”) faz parte da dimensão depressão, mas ambos os itens no presente estudo apresentaram cargas fatoriais melhores para a dimensão raiva. Os achados de Arnow et al. (1995) apoiam parte das descobertas do presente estudo, uma vez que para a dimensão raiva, itens com conteúdo sobre ciúme e confusão foram proeminentes. Kniffin e Wansink (2012) realizaram experimento com pessoas em relação conjugal e revelaram que quando o(a) parceiro(a) ingeria alimentos com outras pessoas isso provocava ciúmes podendo levar a uma sensação de desconforto semelhante à raiva. Além disso, como os efeitos da raiva na alimentação podem ser motivados por diferentes excitações (Macht, 1999), um estado confuso poderia ser suportado. Dito isto, acredita-se que a distribuição de itens por dimensão encontrada no presente estudo para o FEED, apesar de distinta do original, faz sentido teórico.

As diferenças entre o presente estudo brasileiro e o estudo original do FEED podem representar a realidade cultural de cada contexto, uma vez que isso pode existir e criar um desafio para uma comunicação eficaz (Elfenbein; Ambady, 2002). Outra explicação para a discordâncias baseia-se na análise fatorial exploratória, que por natureza e *design* é apenas uma técnica de busca para formar agrupamentos com base nas características dos dados (Costello; Osborne, 2005). Portanto, análises futuras (p. ex., análise fatorial confirmatória) devem ser realizadas para verificar se a estrutura encontrada no presente estudo será replicada em outras amostras/contextos. Além disso, os resultados também sugeriram que o FEED pode ser um instrumento unidimensional, o que deve ser testado em estudos futuros. A unidimensionalidade pode ter surgido porque o instrumento inclui apenas emoções negativas, e os itens são sempre compostos por apenas uma palavra ou termo.

6.1 Limitações e Potencialidades

A primeira limitação é que existe diferentes diretrizes que podem ser seguidas quando da realização de uma adaptação transcultural. No entanto, optou-se por utilizar protocolo internacional padronizado baseado em diferentes componentes para produzir a versão em português de cada instrumento. A segunda limitação refere ao fato de que a versão em inglês, disponível no artigo que desenvolveu cada instrumento, foi a utilizada, no entanto, a PNEES foi originalmente produzida em contexto estoniano e o FEED em contexto italiano. Embora

isso possa ter sido um viés, os itens de ambos os instrumentos foram derivados de outros produzidos originalmente na língua inglesa (Arnow *et al.*, 1995; Watson *et al.*, 1988) e, portanto, possuem conteúdo igual/semelhante. Uma evidência que suporta isso foi os resultados do presente estudo que encontrou estrutura dimensional igual a original para a PNEES e muito semelhante para o FEED. A terceira limitação para ser mencionada é sobre a disponibilização das versões em português para uso em todas as regiões do país. Como o Brasil possui grande extensão territorial com grupos populacionais com características e culturas regionais diferentes, adaptações locais podem ser necessárias antes de aplicar a PNEES e o FEED em qualquer região. Ainda, é importante ressaltar que não é recomendado usar as versões em português produzidas neste estudo em todos os grupos populacionais do Brasil, uma vez que o teste foi realizado com pessoas alfabetizadas, com acesso à internet e com idade igual ou superior a 18 anos. Para aqueles que desejam aplicar a PNEES e/ou o FEED em outros grupos como, por exemplo, crianças, adolescentes, pessoas que não foram alfabetizadas, entre outros, sugere-se analisar a adequação do conteúdo para o público-alvo.

Em relação aos pontos fortes, destaca-se que os resultados do presente estudo contribuem para aumentar as possibilidades de avaliar em âmbito brasileiro comportamentos alimentares impulsionados por estados emocionais. A disponibilidade de diferentes instrumentos contemporâneos e recém-criados abre a possibilidade para pesquisadores e clínicos escolherem o mais adequado para o seu protocolo. Além disso, neste estudo, a dimensionalidade da PNEES e do FEED foi analisada, apresentando as primeiras evidências psicométricas dos instrumentos com dados brasileiros, podendo isso ser estimulante para futuras pesquisas de observação e intervenções terapêuticas.

Ainda, como este estudo adaptou dois instrumentos de alimentação emocional para o português brasileiro, é esperado que surja a seguinte questão: Qual é o instrumento mais adequado para ser utilizado? A resposta para isso depende do objetivo e do contexto de aplicação (científico ou clínico?). Existem vantagens e desvantagens em ambos os instrumentos. A PNEES é composta por um número reduzido de itens (19), mas cada item se materializa como uma frase afirmativa, o que exige maior processamento cognitivo do respondente para análise do conteúdo. Já o FEED possui 23 itens, sendo que cada um se refere a uma emoção que é respondida quanto à sua frequência de ocorrência e relacionada ao desejo de comer, totalizando 46 respostas. Porém, os itens do FEED são simples, contendo apenas palavras que representam emoções, o que pode ajudar diferentes grupos de pessoas a compreendê-los facilmente. Em termos práticos, o FEED pode ser útil num contexto clínico, enquanto a PNEES num contexto de pesquisa. Contudo, se o protocolo visa avaliar emoções

positivas e negativas simultaneamente, a PNEES é mais adequada. Além disso, tanto a PNEES quanto o FEED podem ser aplicados no mesmo estudo para análise da validade convergente/concorrente, uma vez que avaliam construtos supostamente semelhantes. É importante ressaltar que estas são apenas sugestões para avaliações futuras.

7 CONCLUSÃO

A tradução da PNEES e do FEED para o português foi realizada em diferentes etapas até que uma versão adaptada de cada instrumento foi obtida e considerada adequada para o contexto brasileiro de investigação. Dois instrumentos promissores estão agora disponíveis no Brasil para auxiliar na avaliação do comportamento alimentar emocional. A estrutura bidimensional original da PNEES foi confirmada com dados brasileiros. Por outro lado, a estrutura tridimensional original do FEED, apesar de ter surgido, precisa ser confirmada, pois houve evidências de uma distribuição diferente de seis itens e da possibilidade de ser um instrumento unidimensional. Portanto, encorajamos que estudos futuros confirmem a validade e a confiabilidade de dados a partir da aplicação da versão em português produzida no presente estudo para a PNEES e para o FEED.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-MUSHARAF, S. Prevalence and predictors of emotional eating among healthy young saudi women during the COVID-19 pandemic. **Nutrients**, v. 12, n. 10, p. 1-17, 2020. <http://dx.doi.org/10.3390/nu12102923>.

AHLICH, E.; GOLDSTEIN, S. P.; THOMAS, J. Graham. Characterizing emotional eating: ecological momentary assessment with person-specific modeling. **Appetite**, v. 183, p. 1-9, 2023. <http://dx.doi.org/10.1016/j.appet.2023.106476>.

ALLISON, D. B.; HESHKA, S. Emotion and eating in obesity? A critical analysis. **International Journal of Eating Disorders**, v. 13, n. 3, p. 289-295, 1993. [http://dx.doi.org/10.1002/1098-108x\(199304\)13:33.0.co;2-x](http://dx.doi.org/10.1002/1098-108x(199304)13:33.0.co;2-x).

APA AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **APA Dictionary of Psychology: Emotion. Emotion**, 2018. Disponível em: <https://dictionary.apa.org/emotion>. Acesso em: 6 dez. 2023.

APA AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM -5 -TR**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023. 1152 p.

ARAFAT, S. et al. Cross cultural adaptation and psychometric validation of research instruments: a methodological review. **Journal of Behavioral Health**, v. 5, n. 3, p. 129-136, 2016. <http://dx.doi.org/10.5455/jbh.20160615121755>.

ARNOW, B.; KENARDY, J.; AGRAS, W. Stewart. The emotional eating scale: the development of a measure to assess coping with negative affect by eating. **International Journal of Eating Disorders**, v. 18, n. 1, p. 79-90, 1995. [http://dx.doi.org/10.1002/1098-108x\(199507\)18:13.0.co;2-v](http://dx.doi.org/10.1002/1098-108x(199507)18:13.0.co;2-v).

BARAK, R. E L. et al. Emotional eating in adults: the role of sociodemographics, lifestyle behaviors, and self-regulation - findings from a U.S. national study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 4, p. 1-10, 2021. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph18041744>.

BEATON, D. E. et al. Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. **Spine**, v. 25, n. 24, p. 3186-3191, 2000. <http://dx.doi.org/10.1097/00007632-200012150-00014>.

BÉNARD, M. et al. Impulsivity and consideration of future consequences as moderators of the association between emotional eating and body weight status. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 15, n. 1, p. 1-11, 2018. <http://dx.doi.org/10.1186/s12966-018-0721-1>.

BETANCOURT-NUÑEZ, A. et al. Emotional eating and dietary patterns: reflecting food choices in people with and without abdominal obesity. **Nutrients**, v. 14, n. 7, p. 1-19, 2022. <http://dx.doi.org/10.3390/nu14071371>.

BOCK, A. M. B. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. 368 p.

BONGERS, P. Happy eating. The underestimated role of overeating in a positive mood. **Appetite**, v. 67, p. 74-80, 2013. <http://dx.doi.org/10.1016/j.appet.2013.03.017>.

BOURDIER, L. Validation and factor structure of the French-Language version of the Emotional Appetite Questionnaire (EMAQ). **Frontiers in Psychology**, v. 8, n. 442, p. 1-10, 2017. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00442>.

BRADEN, A. Eating when depressed, anxious, bored, or happy: are emotional eating types associated with unique psychological and physical health correlates? **Appetite**, v. 125, p. 410-417, 2018. <http://dx.doi.org/10.1016/j.appet.2018.02.022>.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Guia Alimentar para a População Brasileira**. 2. ed. Brasília, 2014. 158 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_para_a_pop_brasileira_miolo_internet.pdf. Acesso em: 15 dez. 2021.

BURNATOWSKA, E.; SURMA, S.; OLSZANECKA-GLINIANOWICZ, M. Relationship between mental health and emotional eating during the COVID-19 pandemic: a systematic review. **Nutrients**, v. 14, n. 19, p. 3989-4004, 2022. <http://dx.doi.org/10.3390/nu14193989>.

CANETTI, L.; BACHAR, E.; BERRY, E. M. Food and emotion. **Behavioural Processes**, v. 60, n. 2, p. 157-164, 2002. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/s0376-6357\(02\)00082-7](http://dx.doi.org/10.1016/s0376-6357(02)00082-7). Acesso em: 14 jun. 2024.

CASSIOLI, E. et al. The Florence Emotional Eating Drive (FEED): a validation study of a self-report questionnaire for emotional eating. **Eating and Weight Disorders - Studies on Anorexia, Bulimia and Obesity**, v. 27, n. 2, p. 751-759, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s40519-021-01216-2>. Acesso em: 14 jun. 2024

CECCHETTO, C. et al. Increased emotional eating during COVID-19 associated with lockdown, psychological and social distress. **Appetite**, v. 160, p. 1-9, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.appet.2021.105122>. Acesso em 14 jun. 2024.

COLUCI, M. Z. O. Construção de instrumentos de medida na área da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 3, p. 925-936, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015203.04332013>. Acesso em: 14 jun. 2024.

COLUCI, M. Z. O. Development of a questionnaire to valuate the usability of assessment instruments. **Revista Enfermagem**, v. 3, n. 17, p. 378-382, 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-538996>. Acesso em: 14 jun. 2024.

COSTELLO, A. et al. Best practices in exploratory factor analysis: four recommendations for getting the most from your analysis. **Practical Assessment, Research, and Evaluation**, v. 10, n. 7, p. 1-10, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7275/JYJ1-4868>. Acesso em: 14 jun. 2024.

DAKANALIS, A. et al. Constantinos. The association of emotional eating with overweight/obesity, depression, anxiety/stress, and dietary patterns: a review of the current

clinical evidence. **Nutrients**, v. 15, n. 5, p. 1-18, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3390/nu15051173>. Acesso em: 14 jun. 2024.

DAMÁSIO, B. F. Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. **Avaliação Psicológica**, v. 11, n. 2, p. 213-228, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000200007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 14 jun. 2024.

DESMET, P. M. A. et al. Sources of positive and negative emotions in food experience. **Appetite**, v. 50, n. 2-3, p. 290-301, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.appet.2007.08.003>. Acesso em: 14 jun. 2024.

DUARTE, C. et al. Returning to emotional eating: the emotional eating scale psychometric properties and associations with body image flexibility and binge eating. **Eating and Weight Disorders - Studies on Anorexia, Bulimia and Obesity**, v. 20, n. 4, p. 497-504, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s40519-015-0186-z>. Acesso em: 14 jun. 2024.

ELFENBEIN, H. A. et al. On the universality and cultural specificity of emotion recognition: a meta-analysis. **Psychological Bulletin**, v. 128, n. 2, p. 203-235, 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.128.2.203>. Acesso em: 14 jun. 2024.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. The State of Food Security and Nutrition in the World 2021: transforming food systems for food security, improved nutrition and affordable healthy diets for all. **FAO**, 2021. 240 p. Disponível em: <https://www.fao.org/documents/card/en/c/cb4474en>. Acesso em: 15 mar. 2023.

FERRANDO, P. J. et al. Urbano. Assessing the quality and appropriateness of factor solutions and factor score estimates in exploratory item factor analysis. **Educational and Psychological Measurement**, v. 78, n. 5, p. 762-780, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/0013164417719308>.

GARRIDO, L. E. et al. A new look at Horn's parallel analysis with ordinal variables. **Psychological Methods**, v. 18, n. 4, p. 454-474, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/a0030005>. Acesso em: 14 jun. 2024.

GELIEBTER, A. et al. Emotional eating in overweight, normal weight, and underweight individuals. **Eating Behaviors**, v. 3, n. 4, p. 341-347, 2003. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/s1471-0153\(02\)00100-9](http://dx.doi.org/10.1016/s1471-0153(02)00100-9). Acesso em: 14 jun. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Obesity: Preventing and managing the global epidemic. Technical Report Series**. 2000. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/42330>. Acesso em: 03 jun. 2022.

GONZÁLEZ, C. E. F. et al. Relationship between Emotional Eating, Consumption of Hyperpalatable Energy-Dense Foods, and Indicators of Nutritional Status: a systematic review. **Journal of Obesity**, v. 2022, p. 1-11, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1155/2022/4243868>. Acesso em: 14 jun. 2024.

GUERRA, L.D. da S. ComiDHAA de verdade para todos: desafios para a efetivação do direito humano à alimentação adequada no cenário de crises no Brasil. **Saúde e Sociedade**, v.

31, n. 2, p. 1-13, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902022210370pt>. Acesso em: 14 jun. 2024

GUERRERO-HREINS, E. et al. A comparison of emotional triggers for eating in men and women with obesity. **Nutrients**, v. 14, n. 19, p. 1-8, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3390/nu14194144>. Acesso em: 14 jun. 2024.

HEATHERTON, T. F. et al. Binge eating as escape from self-awareness. **Psychological Bulletin**, v. 110, n. 1, p. 86-108, 1991. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.110.1.86>. Acesso em: 14 jun. 2024.

KARLSSON, J; PERSSON, L-O; SJÖSTRÖM, L; SULLIVAN, M. Psychometric properties and factor structure of the Three-Factor Eating Questionnaire (TFEQ) in obese men and women. Results from the Swedish Obese Subjects (SOS) study. **International Journal of Obesity**, v. 24, n. 12, p. 1715-1725, 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1038/sj.ijo.0801442>. Acesso em: 14 jun. 2024.

KENARDY, J. et al. Eating, mood, and gender in a noneating disorder population. **Eating Behaviors**, v. 4, n. 2, p. 149-158, 2003. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/s1471-0153\(03\)00019-9](http://dx.doi.org/10.1016/s1471-0153(03)00019-9). Acesso em: 14 jun. 2024.

KERIN, J. L. Intuitive, mindful, emotional, external and regulatory eating behaviours and beliefs: an investigation of the core components. **Appetite**, v. 132, p. 139-146, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.appet.2018.10.011>. Acesso em: 14 jun. 2024.

KNIFFIN, K. M. et al. It's Not Just Lunch: extra-pair commensality can trigger sexual jealousy. **Plos One**, v. 7, n. 7, p. 40445-40445, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0040445>. Acesso em: 14 jun. 2024.

KLINE, R. B. **Principels and Practice of Structural Equation Modeling**. 4. ed. New Yourk: The Guilford Press, 2016. 534 p.

KONTTINEN, H. et al. Depression, emotional eating and long-term weight changes: a population-based prospective study. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 16, n. 1, p. 1-11, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1186/s12966-019-0791-8>. Acesso em: 14 jun. 2024.

KUKK, K. et al.. Fluctuations in negative emotions predict binge eating both in women and men: an experience sampling study. **Eating Disorders**, v. 25, n. 1, p. 65-79, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/10640266.2016.1241058>. Acesso em: 14 jun. 2024.

LAROS, J. A. O uso da análise fatorial: algumas diretrizes para pesquisadores. IN **Análise fatorial para pesquisadores**, Pasquali L, editor. Brasília: LabPAM Saber e Tecnologia, 2012. Cap. 7. p. 163-193.

LIBOREDO, J. C. et al. Quarantine during COVID-19 outbreak: eating behavior, perceived stress, and their independently associated factors in a Brazilian sample. **Frontiers in Nutrition**, v. 8, n. 704619, p. 1-10, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3389/fnut.2021.704619>. Acesso em 14 jun. 2024.

LORENZO-SEVA, U. Robust Promin: a method for diagonally weighted factor rotation. **Liberabit**, v. 25, p. 99-106, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24265/liberabit.2019.v25n1.08>. Acesso em: 14 jun. 2024.

MACHT, M. Characteristics of Eating in Anger, Fear, Sadness and Joy. **Appetite**, v. 33, n. 1, p. 129-139, 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1006/appe.1999.0236>. Acesso em: 14 jun. 2024.

MANCHÓN, J. et al. Positive and negative emotional eating are not the same—the Spanish version of the Positive-Negative Emotional Eating Scale (PNEES). **Frontiers In Psychology**, v. 12, p. 1-6, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2021.709570>. Acesso em: 14 jun. 2024.

MARÔCO, J. **Análise de Equações Estruturais: Fundamentos Teóricos, Software & Aplicações**. 3. ed. Perô Pinheiro: ReportNumber, Lda, 2021. 432 p.

MARTINS, B. G. et al. Psychometric characteristics of the Three-Factor Eating Questionnaire-18 and eating behavior in undergraduate students. **Eating and Weight Disorders - Studies on Anorexia, Bulimia and Obesity**, v. 26, n. 2, p. 525-536, 2020. <http://dx.doi.org/10.1007/s40519-020-00885-9>.

MCATAMNEY, K. et al. Emotional eating during COVID-19 in the United Kingdom: exploring the roles of alexithymia and emotion dysregulation. **Appetite**, v. 161, p. 1-11, 2021. <http://dx.doi.org/10.1016/j.appet.2021.105120>.

MOREIRA, G. S. X. et al. Transcultural adaptation procedures for the dutch eating behavior questionnaire (DEBQ) for Brazil. **Revista Avaliação Psicológica**, v. 16, n. 4, p. 426-435, 2017. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1604.12793>.

NAJA, F. et al. Nutrition amid the COVID-19 pandemic: a multi-level framework for action. **European Journal of Clinical Nutrition**, v. 74, n. 8, p. 1117-1121, 2020. <http://dx.doi.org/10.1038/s41430-020-0634-3>.

QUARESMA, M. dos S. et al. Emotional eating, binge eating, physical inactivity, and vespertine chronotype are negative predictors of dietary practices during COVID-19 social isolation: a cross-sectional study. **Nutrition**, v. 90, p. 1-9, 2021. <http://dx.doi.org/10.1016/j.nut.2021.111223>.

REDE PENSSAN, REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil (II VIGISAN): relatório final/rede brasileira de pesquisa em soberania e segurança alimentar (PENSSAN)**. São Paulo: E-Book, 2022. 122 p. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2023.

REICHENHEIM, M. E et al. Operacionalização de adaptação transcultural de instrumentos de aferição usados em epidemiologia. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, n. 4, p. 665-673, 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-89102006005000035>.

REID, C. A. et al. Food-evoked nostalgia. **Cognition and Emotion**, v. 37, n. 1, p. 34-38, 2023. <http://dx.doi.org/10.1080/02699931.2022.2142525>.

RODRIGUEZ, M. et al. Sensory emotion regulation. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 27, n. 4, p. 379-390, 2023. <http://dx.doi.org/10.1016/j.tics.2023.01.008>.

SABRY, S. D. et al. Adaptação transcultural e avaliação de propriedades psicométricas do Emotional Appetite Questionnaire em mulheres de língua portuguesa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 7, p. 2633-2643, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020257.16772018>.

SCHREIBER, J.B. et al. Reporting Structural Equation Modeling and Confirmatory Factor Analysis Results: A Review. **The Journal of Educational Research**, v. 99, n. 6, p. 323-338, 2006. <https://doi.org/10.3200/JOER.99.6.323-338>.

SHI, D. et al. Understanding the Model Size Effect on SEM Fit Indices. **Educational and Psychological Measurement**, v. 79, n. 2, p. 310-334, 2018. <http://dx.doi.org/10.1177/0013164418783530>.

SHIREEN, H. et al. Phenomenological support for escape theory: a qualitative study using explication interviews with emotional eaters. **Journal of Eating Disorders**, v. 10, n. 1, p. 1-18, 2022. <http://dx.doi.org/10.1186/s40337-022-00690-y>.

SOUSA, V. D. et al. Translation, adaptation and validation of instruments or scales for use in cross-cultural health care research - a clear and user friendly guideline. **Journal of Evaluation in Clinical Practice**, v. 17, n. 2, p. 268-274, 2010. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1365-2753.2010.01434.x>.

SULTSON, H. et al. Positive and negative emotional eating have different associations with overeating and binge eating: construction and validation of the positive-negative emotional eating scale. **Appetite**, v. 116, p. 423-430, 2017. <http://dx.doi.org/10.1016/j.appet.2017.05.035>.

SZE, K. Y. P. et al. Prevalence of negative emotional eating and its associated psychosocial factors among urban Chinese undergraduates in Hong Kong: a cross-sectional study. **Bmc Public Health**, v. 21, n. 1, p. 1-10, 2021. <http://dx.doi.org/10.1186/s12889-021-10531-3>.

TANTAM, D. et al. The flavour of emotions. **Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice**, v. 76, n. 1, p. 23-45, 2003. <http://dx.doi.org/10.1348/14760830260569229>.

TIMMERMAN, M. E. et al. Dimensionality assessment of ordered polytomous items with parallel analysis. **Psychological Methods**, v. 16, n. 2, p. 209-220, 2011. <http://dx.doi.org/10.1037/a0023353>.

TROISI, J. et al. Chicken soup really is good for the soul. **Psychological Science**, v. 22, n. 6, p. 747-753, 2011. <http://dx.doi.org/10.1177/0956797611407931>.

VAN STRIEN, T. et al. . The Dutch Eating Behavior Questionnaire (DEBQ) for assessment of restrained, emotional, and external eating behavior. **International Journal of Eating Disorders**, v. 5, n. 2, p. 295-315, 1986. [http://dx.doi.org/10.1002/1098-108x\(198602\)5:23.0.co;2-t](http://dx.doi.org/10.1002/1098-108x(198602)5:23.0.co;2-t).

VAN STRIEN, T. et al. Causes of emotional eating and matched treatment of obesity. **Current Diabetes Reports**, v. 18, n. 6, p. 1-8, 2018. <http://dx.doi.org/10.1007/s11892-018-1000-x>.

WATSON, D. et al. Development and validation of brief measures of positive and negative affect: the panas scales. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 54, n. 6, p. 1063-1070, 1988. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.1063>.

ZHANG, R. et al. Wanting to eat matters: negative affect and emotional eating were associated with impaired memory suppression of food cues. **Appetite**, v. 150, p. 1-8, 2020. <http://dx.doi.org/10.1016/j.appet.2020.104660>.

ZHOU, X. et al. Heartwarming memories: nostalgia maintains physiological comfort. **Emotion**, v. 12, n. 4, p. 678-684, 2012. <http://dx.doi.org/10.1037/a0027236>

ANEXO A. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) DA PESQUISA

MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
CENTRO DE CAPACITAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO (CCFEx)
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO (EsEFEx)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISADOR RESPONSÁVEL- PROFª. DRA. ANGELA NOGUEIRA NEVES

VOCÊ ESTÁ SENDO CONVIDADO A PARTICIPAR DESTA PESQUISA **ADAPTAÇÃO CULTURAL E VALIDAÇÃO MÉTRICA DE ESCALAS DE COMPORTAMENTO ALIMENTAR PARA ADULTOS BRASILEIROS**. ESSA PESQUISA SE JUSTIFICA PELA CONDIÇÃO ATUAL NA QUAL O PROFISSIONAL DE SAÚDE OU DA ÁREA DE PSICOLOGIA OU O PESQUISADOR NÃO TEM DISPONÍVEL UMA FORMA CONFIÁVEL E PADRONIZADA PARA AVALIAR ASPECTOS DIFERENCIADOS DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR. FRENTE A ESSE FATO, PROCURA-SE COM ESSA PESQUISA SUPRIR ESSA LACUNA. A VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTOS ESPECÍFICOS, COMO *FLORENCE EMOTIONAL EATING DRIVE (FEED) QUESTIONNAIRE*, DA *POSITIVE-NEGATIVE EMOTIONAL EATING SCALE (PNEES)* E DA *THE MOTIVATION FOR EATING SCALE (TMES)* POSSIBILITARIA PESQUISA QUANTITATIVA COM DADOS CONFIÁVEIS, QUE PODERIAM SER ÚTEIS EM ESTUDOS POPULACIONAIS OU PARA ACOMPANHAMENTO SISTEMÁTICO DO INDIVÍDUO. *POR GENTILEZA, LEIA NA SEQUÊNCIA AS DEMAIS INFORMAÇÕES ACERCA DA PESQUISA PARA QUE VOCÊ POSSA DECIDIR SE ACEITA OU NÃO PARTICIPAR DA MESMA.*

OBJETIVOS: O OBJETIVO GERAL DESTA PESQUISA É REALIZAR UM ESTUDO MÉTRICO DA *FEED*, *PNEES* E DA *TMES*, ISTO É, VERIFICAR SE ESTES INSTRUMENTOS CONSEGUEM GERAR DADOS CONFIÁVEIS ACERCA DA ALIMENTAÇÃO EMOCIONAL EM AMOSTRAS DE BRASILEIROS JOVENS DO SEXO MASCULINO E FEMININO. CABE ESCLARECER, QUE ESSA PESQUISA NÃO TEM FINALIDADE DE REALIZAR DIAGNÓSTICO INDIVIDUAL, MAS APENAS UM LEVANTAMENTO COLETIVO.

PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: APÓS SEU CONSENTIMENTO PARA A COLETA DE DADOS – QUE SE AO MARCA A OPÇÃO “ACEITO PARTICIPAR DESTA PESQUISA” AO FINAL DESSA PÁGINA, VOCÊ TERÁ ACESSO AOS QUESTIONÁRIOS PARA SEREM RESPONDIDOS. PARA RESPONDÊ-LOS, BASTA ESCOLHER A RESPOSTA QUE PARECE SER A MELHOR PARA VOCÊ. PARA NENHUMA DAS PERGUNTAS DOS QUESTIONÁRIOS É OBRIGATÓRIA A RESPOSTA. O TEMPO ESTIMADO PARA O PREENCHIMENTO DOS QUESTIONÁRIOS É DE 20-25 MINUTOS.

DESCONFORTO E POSSÍVEIS RISCOS ASSOCIADOS À PESQUISA: AO PARTICIPAR DESTA PESQUISA VOCÊ PODERÁ SENTIR ALGUM DESCONFORTO (MAIS DE ORDEM EMOCIONAL) POIS OS ITENS A SEREM RESPONDIDOS PODEM SER SENSÍVEIS OU DELICADOS PARA VOCÊ. CASO ISSO ACONTEÇA SUGERIMOS QUE, PARA ADMINISTRAR ESSE RISCO, VOCÊ PARE DE RESPONDER A ESCALA PODENDO ESTA SER RETOMADA POSTERIORMENTE, CASO SEJA DE SEU INTERESSE. A SUA DECISÃO SEMPRE SERÁ RESPEITADA. ADEMAIS, COMO QUALQUER PESQUISA ONLINE, HÁ O RISCO DE VAZAMENTO DE DADOS. PARA MINIMIZAR ESSE RISCO FOI ESCOLHIDA PLATAFORMA COM RECURSOS DE SEGURANÇA DIGITAL E A PESQUISADORAS FARÁ O DOWNLOAD DA PLANILHA DE DADOS AO FINAL DA PESQUISA, APAGANDO SEU REGISTRO NA NUVEM DIGITAL. APESAR DESSES RISCOS, GOSTARIA DE ESCLARECER QUE VOCÊ NÃO CORRERÁ NENHUM RISCO QUANTO À SUA INTEGRIDADE FÍSICA, DIFAMAÇÃO, CALÚNIA OU QUALQUER DANO MORAL. SUA IDENTIDADE SERÁ MANTIDA EM ABSOLUTO SIGILO.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA: VOCÊ ESTARÁ COLABORANDO PARA CRIAÇÃO DE UMA FORMA SISTEMATIZADA DE AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR, O QUE PODE AJUDAR A IDENTIFICAR MELHOR EM ESTUDOS EPIDEMIOLÓGICOS OS EFEITOS DO COMER TRANSTORNADO. EM UMA PERSPECTIVA MAIS AMPLIADA, A PRESENTE PESQUISA TRARÁ AVANÇOS PARA A REFLEXÃO ACERCA DO PROCESSO DE CUIDADO DA PESSOA EM SITUAÇÕES DE OBESIDADE E TRANSTORNOS ALIMENTARES. O BENEFÍCIO, É PORTANTO, MAIS PARA O COLETIVO QUE INDIVIDUALMENTE PARA VOCÊ.

ESCLARECIMENTOS E DIREITOS: VOCÊ TEM DIRETO A RECEBER UMA CÓPIA DESSE DOCUMENTO: PEDIMOS QUE FAÇA UM PRINT DESSA TELA. EM QUALQUER MOMENTO VOCÊ PODERÁ OBTER ESCLARECIMENTOS SOBRE TODOS OS PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NA PESQUISA E NAS FORMAS DE DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS. TEM TAMBÉM A LIBERDADE E O DIREITO DE RECUSAR SUA PARTICIPAÇÃO OU RETIRAR SEU CONSENTIMENTO EM QUALQUER FASE DA PESQUISA, SEM QUALQUER PREJUÍZO PESSOAL OU PROFISSIONAL, BASTANDO ENTRAR EM CONTATO COM O PESQUISADOR (FORNEÇA SEU IP PARA QUE POSSAMOS EXCLUIR SEUS DADOS). VOCÊ TEM DIREITO A RECEBER RESSARCIMENTO DE ALGUMA DESPESA RELACIONADA COM A PARTICIPAÇÃO NESTA PESQUISA. É IMPORTANTE QUE VOCÊ SAIBA QUE DIANTE DE EVENTUAIS DANOS COMPROVADAMENTE PROVOCADOS PELA PESQUISA, VOCÊ TERÁ DIREITO A INDENIZAÇÃO PROPORCIONAL AO DANO. ADEMAIS, VOCÊ TEM O DIREITO A TER ACESSO, DE FORMA GRATUITA AO PRODUTO GERADO POR ESTA PESQUISA, NO CASO, A VERSÃO BRASILEIRA DA *FEED*, *PNEE* E *TMES*, EM QUALQUER MOMENTO DE SEU INTERESSE. NOVAMENTE, BASTA ENTRAR EM CONTATO COM O PESQUISADOR. **CASO VOCÊ TENHA ALGUMA RECLAMAÇÃO OU QUEIRA DENUNCIAR QUALQUER ABUSO OU IMPROBIDADE DESTA PESQUISA, DENUNCIE AO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA DO CENTRO DE CAPACITAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO (CEP-CCFEx). VOCÊ PODE FAZÊ-LO PELO TELEFONE, NO NÚMERO (21) 2586 2297, POR EMAIL (CEP@CCFEX-EB.MIL.BR) OU IR AO LOCAL, LOCALIZADO À AV João Luiz Alves, s/nº, SALA DO CEP-CCFEx NO PRÉDIO DA EsEFEx, URCA. OS HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO DO CEP-CCFEx SÃO: 2ª E 4ª FEIRA, DAS 9H ÀS 12H.**

CONFIDENCIALIDADE E AVALIAÇÃO DOS REGISTROS: A SUA IDENTIDADE E DE TODOS OS VOLUNTÁRIOS SERÃO MANTIDAS EM TOTAL SIGILO POR TEMPO INDETERMINADO, TANTO PELO EXECUTOR COMO PELA INSTITUIÇÃO ONDE SERÁ REALIZADO. OS RESULTADOS DOS PROCEDIMENTOS EXECUTADOS NA PESQUISA SERÃO ANALISADOS E ALOCADOS EM TABELAS, FIGURAS OU GRÁFICOS E DIVULGADOS EM PALESTRAS, CONFERÊNCIAS, PERIÓDICO CIENTÍFICO OU OUTRA FORMA DE DIVULGAÇÃO QUE PROPICIE O REPASSE DOS CONHECIMENTOS PARA A SOCIEDADE E PARA AUTORIDADES NORMATIVAS EM SAÚDE NACIONAIS OU INTERNACIONAIS, DE ACORDO COM AS NORMAS/LEIS LEGAIS REGULATÓRIAS DE PROTEÇÃO NACIONAL OU INTERNACIONAL.


Assinatura do Pesquisador Responsável

Contato do Pesquisador responsável: Angela Neves, (21) 998309051; angelanneves@yahoo.com.br
Você também pode falar com Marina Serralha: (34)99805-8097; marina.serralha@unesp.br

☐ Sim, aceito participar da pesquisa (marque e clique em "próxima")

☐ Não, prefiro não participar da pesquisa (marque e clique em "próxima")

ANEXO B. APROVAÇÃO ÉTICA PARA CONDUÇÃO DO ESTUDO.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Adaptação cultural e validação métrica de escalas de comportamento alimentar para adultos brasileiros

Pesquisador: Angela Nogueira Neves

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 58840922.6.0000.9433

Instituição Proponente: CENTRO DE CAPACITACAO FISICA DO EXERCITO E FORTALEZA DE SAO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.441.250

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1943932, de 09/05/2022).

Introdução:

A alimentação é uma condição básica para a sobrevivência e por isso é um direito fundamental de todo ser humano que deve ser devidamente atendido de maneira ininterrupta, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tanto em termos de quantidade quanto de qualidade. A promoção do consumo alimentar promotor da saúde é comumente empregado em diferentes contextos, sendo esse um nicho importante de estudo da comunidade científica (Jaime, 2019). Entretanto, a alimentação representa um papel que vai além da vertente biológica, pois não basta comer apenas para sobreviver ou manter o organismo saudável dado que outros fatores, tais como os psicológicos e socioculturais, também podem influenciar o comer (Brasil, 2014). Nesse sentido, investigar o comportamento alimentar das pessoas, ou seja, o conjunto de cognições e afetos que regem as condutas alimentares torna-se relevante. Entender por que as pessoas comem o que comem é fundamental para a elaboração de recomendações alimentares praticáveis, que gerem modificações efetivas nos padrões alimentares (Alvarenga et al., 2019). A investigação do comportamento alimentar é uma

Endereço: Av João Luiz Alves s/nº, Fortaleza de São João e EsEFEx e Complexo Desportivo Sylvio Magalhães Padiha -
Bairro: URCA **CEP:** 22.291-090
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2586-2297 **E-mail:** cep@ccfex.eb.mil.br



Continuação do Parecer: 5.441.250

tarefa complexa, pois envolve estudar em profundidade a relação do indivíduo com a comida levando em consideração processos cognitivos e afetivos que estão diretamente relacionados com as ações que precedem e sucedem o consumo alimentar propriamente dito (Alvarenga et al., 2019). Uma das formas de se compreender parte do comportamento alimentar das pessoas é estudar as emoções que podem ser entendidas como estados afetivos, de curta duração, originados geralmente a partir de uma reação a certas excitações

internas ou externas (Damasio, 2000). A alimentação emocional trata-se de um conceito representado pela alteração da ingestão de alimentos frente a uma série de emoções sejam elas positivas (p. ex., felicidade e diversão) ou negativas (p. ex., tristeza e raiva) que se sobrepõem aos sinais físicos de fome e saciedade (Sze et al., 2021). Essa modificação está majoritariamente relacionada com o aumento do consumo alimentar diante de emoções negativas (Braden, et al., 2018; Kerin et al., 2018; Al-Musahraf, 2020; Zhanga, et al., 2020), contudo, as emoções positivas também podem influenciar esse processo.

A alimentação emocional pode ser considerada um comer transtornado, ou seja, um comportamento disfuncional que dependendo da frequência pode causar prejuízos físicos, mentais e sociais. Como a alimentação emocional está fortemente relacionada com o aumento da ingestão de alimentos, condições como sobrepeso e obesidade podem emergir e favorecer o desenvolvimento de doenças crônicas justificando assim, a importância de se estudar esse fenômeno (Braden et al, 2018). A literatura (Bénard, et al. 2018; Kontinnen et al., 2019) tem apresentado uma série de evidências sobre a alimentação emocional revelando que esse comportamento está presente no cotidiano das pessoas e tem produzido desfechos negativos. Estudo americano de Barak et al., 2021, menciona que a alimentação emocional foi encontrada em 20,5% dos participantes (n= 5836) com frequência ou muita frequência, sendo a maioria de mulheres jovens e de brancos não- hispânicos. Já McAtamney, et al., 2021 e

Cecchetto et al., 2021, mencionam uma maior prevalência de alimentação emocional em populações italianas e da União Europeia, relacionadas ao nível de ansiedade e também à alexitimia, agravados no período da pandemia de COVID-19. Pesquisadores do Oriente Médio, (Naja & Hamadeh, 2020; Al-Musharaf, 2020) exploraram a importância da alimentação saudável em tempos de isolamento e suas consequências, sendo que a alimentação emocional ficou evidente no estudo de Al- Musharaf (2020) com 47,2% dos entrevistados relatando o comer emocional em diferentes níveis. Estudo brasileiro de Quaresma et al. (2020), aponta que situações estressantes e emoções negativas levam o indivíduo a consumir alimentos ultraprocessados e de maior palatabilidade como açúcar e gordura, bem como diminuir o consumo de frutas e produtos

Endereço: Av João Luiz Alves s/nº, Fortaleza de São João & EsEFEx & Complexo Desportivo Sylvio Magalhães Padilha -
Bairro: URCA **CEP:** 22.291-090
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2586-2297 **E-mail:** cep@ccfex.eb.mil.br



Continuação do Parecer: 5.441.250

in natura, evidenciando o comer emocional, principalmente em mulheres e em grupos socioeconomicamente mais vulneráveis. Diante das evidências, nota-se que a alimentação emocional é um comportamento que merece atenção da comunidade científica, especialmente, após o início da pandemia causada pela disseminação do novo coronavírus (COVID-19) que causou uma grande modificação na rotina de vida das pessoas. O isolamento social foi instaurado para todas as populações fazendo com que várias atividades presenciais fossem migradas para remotas. Assim, a interação entre as pessoas se tornou mais restrita e problemas de saúde mental aumentaram exponencialmente (McAtamney, et al., 2021) bem como também houve impacto na alimentação (Al-Musharaf, 2020; Barak et al., 2021; Cecchetto et al., 2021; McAtamney, et al., 2021). Por um lado, a permanência por mais tempo em casa contribuiu para que algumas pessoas passassem a cozinhar mais tendo maior contato com os alimentos e possibilidade de escolhas adequadas em termos de quantidade e qualidade (Cecchetto et al., 2021). Um estudo brasileiro (Liboredo et al., 2020), registrou um aumento no consumo alimentar de preparações domésticas e de comidas pedidas por delivery em 67,3 e 50,1%, respectivamente. Por outro lado, a mudança abrupta fez com que uma parte significativa da população passasse a ingerir maior quantidade de alimentos, especialmente, aqueles altamente palatáveis como, por exemplo, fast foods. Além disso, as escolhas alimentares passaram a ser determinadas, principalmente, por motivos relacionados ao apelo sensorial e emoções como uma forma de enfrentamento da situação causada pela COVID-19 (Cecchetto et al., 2021, McAtamney, et al., 2021, Estudos realizados em diferentes partes do mundo (Al-Musharaf, 2020; Quaresma et al., 2022; Sze, et al, 2021) investigaram a alimentação emocional no contexto da Pandemia de COVID-19 e apontaram que a relação das pessoas com os alimentos diante das medidas de isolamento social foi modifica, especialmente, no que se refere ao maior consumo alimentos processados. Desse modo, nota-se que as emoções exercem um papel relevante no comportamento alimentar das pessoas e isso pode influenciar no desencadeamento de agravos que comprometem a saúde física e o bem-estar psicológico e social dos indivíduos. Portanto, compreender as emoções relacionadas à alimentação é uma estratégia importante para direcionar as ações preventivas e intervencionistas, mas para que essa compreensão seja possível faz-se necessário ter ferramentas que possibilitem rastrear a alimentação emocional adequadamente. Os instrumentos psicométricos são as ferramentas mais utilizadas para investigação da alimentação emocional. Na literatura, encontram-se alguns instrumentos comumente utilizados para rastrear diferentes comportamentos alimentares incluindo a alimentação emocional entre os quais destacase a Emotional Eating Scale (EES; Arnow

Endereço: Av João Luiz Alves s/nº, Fortaleza de São João & EsEFEx & Complexo Desportivo Sylvio Magalhães Padilha -
Bairro: URCA **CEP:** 22.291-090
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2586-2297 **E-mail:** cep@ccfex.eb.mil.br



Continuação do Parecer: 5.441.250

et al., 1995), o Three Factor Eating Questionnaire (TFEQ-R18, versão reduzida; Karlsson et al., 2000), o Dutch Eating Behavior Questionnaire (DEBQ; van Strien et al., 1986), o Emotional Appetite Questionnaire (EMAQ; Geliebter & Aversa, 2003). O TFEQ-18 e o DEBQ possuem subescalas que permitem avaliar um estado geral de alimentação emocional. Já a EES e o EMAQ são mais específicos, sendo avaliadas pela EES as seguintes emoções: "Resentful", "Discouraged", "Shanky", "Worn Out", "Inadequate", "Excited", "Rebellious", "Blue", "Jittery", "Sad", "Uneasy", "Irritated", "Jealous", "Worried", "Frustrated", "Lonely", "Furious", "On edge", "Confused", "Nervous", "Angry", "Guilty", "Bored", "Helpless" e "Upset". Já o EMAQ, avalia emoções e situações relacionados ao comer, sendo as emoções negativas e positivas (triste, sem nada para fazer, confiante, com raiva, ansioso, feliz, decepcionado, cansado, deprimido, assustado, relaxado, brincalhão, solitário e animado). O instrumento também avalia situações tais como: quando está sobre pressão, após uma grande discussão, após uma tragédia com alguém próximo a você, quando se apaixona, após o fim de um relacionamento, quando está envolvida em um passatempo agradável, após perder dinheiro ou bens, após receber boas notícias. A EES foi aplicada em uma amostra pequena, de 55 indivíduos, sem possibilidade de replicação e baixa validade dimensional nos quesitos emocionais depressivos como "Guilty", "Discouraged" e "Inadequate", além de não avaliar as emoções positivas relacionadas à alimentação emocional. A frequência e a intensidade do desejo de comer também não são avaliadas pela EES e pelo EMAQ (Cassoli et al, 2021). Portanto, a literatura carece de instrumentos que possam ser mais plausíveis para avaliar a alimentação emocional considerando a incorporação de diferentes emoções, tanto positivas quanto negativas. Com o intuito de superar as limitações dos instrumentos já existentes para avaliar a alimentação emocional, foram desenvolvidos a Positive-Negative Emotional Eating Scale (PNEES), Florence Emotional Eating Drive (FEED) questionnaire e o Motivation for Eating Scale (MFES). A PNEES foi desenvolvida por Sultson et al. (2017) e testada em uma amostra de 531 mulheres da Estônia (idade entre 15 e 61 anos). Essa escala foi proposta para investigar a alimentação emocional a partir de um conjunto de 19 itens, sendo que 7 avaliam emoções positivas (PNEES-P) e 12 emoções negativas (PNEES-N), os quais devem ser respondidos utilizando 5 opções de resposta do tipo Likert, variando de 0 (nunca) a 4 (muitas vezes). O estudo original da PNEES encontrou boas propriedades psicométricas do instrumento para a amostra e uma versão na língua inglesa foi disponibilizada, mas essa ainda não foi adaptada para uso no Brasil o que seria interessante dado que no país existem poucos instrumentos

voltados a investigação da alimentação emocional. Já o FEED é um questionário proposto por Cassoli et al. (2021), em contexto italiano, para avaliar a alimentação emocional explorando a

Endereço: Av João Luiz Alves s/nº, Fortaleza de São João & EsEFEx & Complexo Desportivo Sylvio Magalhães Padilha -
Bairro: URCA **CEP:** 22.291-090
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2586-2297 **E-mail:** cep@ccfex.eb.mil.br



Continuação do Parecer: 5.441.250

frequência de emoções do indivíduo e o quanto essas emoções impulsionam o desejo de comer. O questionário possui 23 itens indicativos de emoções específicas, sendo um instrumento com três fatores, nomeadamente: "Depression", "Anger" e "Anxiety". O preenchimento envolve a avaliação das emoções usando escalas tipo Likert de 5 pontos para frequência do sentimento (0- nunca, 1- algumas poucas vezes, 2- algumas vezes, 3- muitas

vezes, 4- sempre) e ao impulso que essa frequência leva ao comer (0- sem vontade de comer, 1- um pequeno desejo de comer, 2- um desejo moderado de comer, 3- um forte desejo de comer, 4- uma vontade irresistível de comer). Esses dados são combinados afim de se chegar a uma pontuação final numa escala da classificação de 10 pontos, onde zero relaciona-se à ausência de vontade de comer na presença de uma emoção ou a ausência da emoção em si, e nove corresponde à vontade avassaladora de comer por uma emoção sempre sentida. O estudo original testou o FEED em uma amostra clínica composta por indivíduos com transtornos alimentares, obesidade e Diabetes Mellitus tipo 2 e encontrou melhores propriedades psicométricas quando comparada a EES, além de ter passado por um teste de validação rigoroso com a estrutura dos seus componentes mais consistente. Uma versão em inglês do FEED encontra-se disponível no estudo original e essa também ainda não foi adaptada

para o contexto brasileiro. O MFES (Hawks et al., 2010) foi desenvolvido nos Estados Unidos, para avaliar os motivos que levam as pessoas a começar a comer. Foi desenvolvida a partir de revisão de literatura e identificou quatro razões fundamentais para o comer: emocional, ambiental, física e social. Foi metricamente avaliada em uma amostra de 298 americanos jovens, de ambos os sexos. A versão final é composta de 43 itens, divididos em quatro fatores: "Emotional eating", "Environmental Eating", "Physical Eating" e "Social Eating". As respostas estão dispostas em uma escala likert de 5 pontos (1- nunca, 2- quase nunca, 3- algumas vezes, 4- quase sempre, 5- sempre). A média da pontuação de cada fator gera o escore da escala e não há ponto de corte. Uma versão em inglês do MFES encontra-se disponível no estudo original e essa também ainda não foi adaptada para o contexto brasileiro. Realizar a adaptação transcultural da PNEES, do FEED e do MFES para a língua portuguesa possibilita o uso desses instrumentos em âmbito brasileiro podendo contribuir futuramente com pesquisadores e clínicos que buscam compreender como as pessoas se relacionam com os alimentos frente às emoções. Contudo, o processo de adaptação transcultural, apesar de envolver as etapas de validade de conteúdo e face, não é suficiente para inferir sobre a capacidade do instrumento psicométrico para produzir dados válidos e confiáveis (Beaton, 2000). Nesse sentido, avaliar as propriedades psicométricas, ou seja, validade de construto, confiabilidade e invariância da PNEES, do FEED e da MFES para o contexto de estudo é

Endereço: Av João Luiz Alves s/nº, Fortaleza de São João & EsEFEx & Complexo Desportivo Sylvio Magalhães Padilha -
Bairro: URCA **CEP:** 22.291-090
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2586-2297 **E-mail:** cep@ccfex.eb.mil.br



Continuação do Parecer: 5.441.250

essencialmente importante visando garantir a qualidade das informações obtidas. Para tanto, o uso de metodologias adequadas e aplicáveis de acordo com a estrutura configuracional de cada instrumento faz-se necessário (Marôco, 2021). Após garantir o adequado ajustamento da estrutura fatorial de cada instrumento para a amostra de estudo, a verificação da frequência de alimentação emocional, bem como a relação dessa com variáveis individuais torna-se aplicável e com maior capacidade de representar a realidade.

Critério de Inclusão:

Pessoas com idade 18 anos, alfabetizadas na língua portuguesa do Brasil e residentes a pelo menos 2 anos no país.

Critério de Exclusão:

Gestantes, puérperas (até 9º mês após parto), pessoas que possuam alguma deficiência cognitiva e/ou visual total que impossibilite o autopreenchimento dos dados da pesquisa e indivíduos em tratamento para doenças crônicas que tenham impacto significativo na alimentação (p.ex., neoplasias do aparelho digestivo, doença renal crônica em fase dialítica, entre outras).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Adaptar culturalmente e validar psicometricamente escalas de comportamento alimentar para amostra de referência de brasileiros adultos jovens, de ambos os sexos biológicos.

Objetivo Secundário:

1. Realizar a adaptação transcultural do Florence Emotional Eating Drive (FEED) Questionnaire, da Positive-Negative Emotional Eating Scale (PNEES) e da Motivation for Eating Scale (MFES) para o português do Brasil;
2. Avaliar as propriedades psicométricas dos instrumentos quando aplicados em uma amostra de adultos brasileiros; e
3. Verificar a influência de diferentes características individuais no comportamento alimentar dos participantes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com os pesquisadores:

Endereço: Av João Luiz Alves s/nº, Fortaleza de São João ɿ EsEFEx ɿ Complexo Desportivo Sylvio Magalhães Padilha -
Bairro: URCA **CEP:** 22.291-090
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2586-2297 **E-mail:** cep@ccfex.eb.mil.br



Continuação do Parecer: 5.441.250

Riscos:

Os participantes serão informados sobre o incômodo (emocional) que pode ocorrer ao preencher os questionários, que tem algumas perguntas mais sensíveis sobre o conceito de si mesmo e as sensações que podem emergir frente às adversidades. Sugere-se aos participantes que, para administrar esse risco, eles parem de responder a escala caso sintam esse desconforto, podendo esta ser retomada posteriormente, caso seja de interesse do participante. A decisão sempre será respeitada. Será esclarecido ainda que há o risco de vazamento de dados, por mais que cuidados tenham sido tomados, pelos riscos inerentes do ambiente digital. Para manejo deste risco, dados planilhados serão baixados após o término da coleta de dados e a pesquisa excluída do ambiente digital.

Benefícios:

Os participantes estarão colaborando para criação de uma forma sistematizada de avaliação do comportamento alimentar, o que pode ajudar a identificar melhor em estudos epidemiológicos os efeitos do comer transtornado. Em uma perspectiva mais ampliada, a presente pesquisa trará avanços para a reflexão acerca do processo de cuidado da pessoa em situações de obesidade e transtornos alimentares. A medida não fornece diagnóstico e por isso o participante não receberá um retorno direto de seus resultados (pois sua interpretação, por si só, não tem sentido). Todavia, serão divulgados em artigos científicos e em mídias sociais os resultados acerca do instrumento.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conferir item Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Conferir item Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Recomendações:

Não se aplica.

APROVADO.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram encontrados óbices éticos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais (semestrais) e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório", para que sejam

Endereço: Av João Luiz Alves s/nº, Fortaleza de São João e EsEFEx e Complexo Desportivo Sylvio Magalhães Padilha -
Bairro: URCA **CEP:** 22.291-090
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2586-2297 **E-mail:** cep@ccfex.eb.mil.br



Continuação do Parecer: 5.441.250

devidamente apreciados no CEP, conforme Norma Operacional CNS N°001/13, item XI.2.d.

Esses relatórios devem conter as informações sucintas sobre fatos relevantes e resultados parciais ou finais (incluindo número de participantes avaliados). O pesquisador pode utilizar o modelo disponível no site do CEP-CCFEx (<http://www.ccfex.eb.mil.br/modelos>), atentando para o tipo de relatório (parcial ou final), devendo conter a menção ao período a que se refere. Para cada relatório, deve haver uma notificação separada. As informações contidas nos relatórios parciais devem ater-se ao período correspondente e não a todo o período da pesquisa até aquele momento.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1943932.pdf	09/05/2022 14:42:37		Aceito
Outros	instrumentos.pdf	09/05/2022 14:42:12	Angela Nogueira Neves	Aceito
Outros	autorizacao_FEED.pdf	09/05/2022 14:38:10	Angela Nogueira Neves	Aceito
Outros	Autorizacao_PEENS.pdf	09/05/2022 14:37:38	Angela Nogueira Neves	Aceito
Outros	Autorizacao_MFES.pdf	09/05/2022 14:37:10	Angela Nogueira Neves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_presencial.pdf	09/05/2022 14:36:41	Angela Nogueira Neves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_virtual.pdf	09/05/2022 14:36:12	Angela Nogueira Neves	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	brochura.pdf	09/05/2022 14:25:03	Angela Nogueira Neves	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	09/05/2022 14:11:47	Angela Nogueira Neves	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av João Luiz Alves s/nº, Fortaleza de São João & EsEFEx & Complexo Desportivo Sylvio Magalhães Padilha -
Bairro: URCA **CEP:** 22.291-090
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2586-2297 **E-mail:** cep@ccfex.eb.mil.br



Continuação do Parecer: 5.441.250

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 31 de Maio de 2022

Assinado por:
Miriam Raquel Meira Mainenti
(Coordenador(a))

Endereço: Av João Luiz Alves s/nº, Fortaleza de São João e EsEFEx e Complexo Desportivo Sylvio Magalhães Padilha -
Bairro: URCA **CEP:** 22.291-090
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2586-2297 **E-mail:** cep@ccfex.eb.mil.br